

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**Faculdade de Direito e Relações Internacionais**  
**Curso de Relações Internacionais – FADIR**

**Antonio Jorge Ferreira Filho**

**O FUTEBOL PODE SER UM INSTRUMENTO DE  
MANIFESTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL? COMO  
ISSO SERIA POSSÍVEL?**

**Dourados – MS**  
**Agosto/2017**

**Antonio Jorge Ferreira Filho**

**O FUTEBOL PODE SER UM INSTRUMENTO DE  
MANIFESTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL? COMO  
ISSO SERIA POSSÍVEL?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Matheus de Carvalho Hernandez.

**Dourados – MS  
Agosto/2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

F382f Ferreira Filho, Antonio Jorge

O FUTEBOL PODE SER UM INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO  
DA IDENTIDADE NACIONAL? COMO ISSO SERIA POSSÍVEL? / Antonio  
Jorge Ferreira Filho -- Dourados: UFGD, 2017.

69f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Matheus de Carvalho Hernandez

TCC (Graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito e  
Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.

Inclui bibliografia

1. Futebol. 2. Identidade Nacional. 3. Globalização. 4. Estado Nacional. I.  
Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



## ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 11/08/2017, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais o aluno **Antonio Jorge Ferreira Filho** tendo como título “**O Futebol pode ser um instrumento de manifestação de identidade nacional? Como isso seria possível?**”.

Constituíram a Banca Examinadora os professores Dr. Matheus de Carvalho Hernandez (orientador), Dr. Hermes Moreira Junior (examinador) e Me. Arthur Pinheiro de Azevedo Banzatto (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado APROVADO.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Assinaturas:

**Dr. Matheus de Carvalho Hernandez**  
Orientador

**Dr. Hermes Moreira Junior**  
Examinador

**Me. Arthur Pinheiro de Azevedo  
Banzatto**  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por ter me dado a inteligência e a força para realizar esta pesquisa. Aos meus pais Antonio Jorge Ferreira e Valéria Maciel Nogueira Ferreira pelo apoio durante toda a minha graduação, me dando tranquilidade para a realização dos meus estudos, o incentivo ao estudo prestado por eles, certamente foi e continua sendo algo muito marcante e imprescindível em toda minha trajetória, do início de minha vida escolar até os dias de hoje.

Ao Professor Márcio Augusto Scherma, que mesmo a distância, me ajudou imensamente com suas orientações e conselhos, ele é com certeza uma pessoa fantástica, posso dizer que conviver com ele é um privilégio, toda homenagem parece ser pequena em relação ao grande ser humano que é.

Ao Professor Matheus de Carvalho Hernandez, que assumiu a orientação da minha pesquisa, as suas aulas e dicas com certeza foram valiosas.

Aos professores do curso de Relações Internacionais da UFGD, com certeza após esses anos de graduação, posso afirmar que a grandeza desse curso muito se deve ao entusiasmo e a paixão que os professores têm por lecionar.

Aos funcionários da Universidade Federal da Grande Dourados, se essa grande universidade é o que conhecemos hoje, é por causa dessas pessoas, que diariamente não medem esforços para a UFGD continuar no caminho certo para ser uma das maiores instituições públicas desse país.

Ao povo do meu país, pois é ele através dos tributos quem custeia o estudo de todos nós que ingressamos nas universidades públicas, é nosso compromisso contribuir para a construção de uma sociedade melhor.

## RESUMO

O futebol é o esporte coletivo mais popular do mundo, essa popularidade faz com que a prática possa influenciar em outros segmentos da sociedade humana, sociedade humana essa que se mostra heterogênea até hoje, tempos de globalização. O “esporte bretão”, como também é conhecido, tem a capacidade de representar as identidades locais de uma maneira muito eficiente, seja de uma maneira espontânea ou até forçada, através de instituições como o Estado. As seleções nacionais poderiam ser representantes legítimas dos Estados-nacionais dentro do esporte, mas não é o que acontece em países tão plurais nacionalmente falando. Clubes como Athletic Bilbao e FC Barcelona são capazes de representar os sentimentos de duas nações afetadas por séculos de opressão cultural por parte do governo central espanhol, essa representação pode ser verificada tanto no passado recente, na ditadura Franquista, quanto no presente, tempos em que o mundo e o futebol são globalizados. O futebol também é tem a capacidade de representar a unidade nacional em países tão multiculturais como o Brasil, onde o esporte é considerado uma importante instituição social e também serve como motivo de orgulho, numa nação que sempre sentiu dificuldades em afirmar sua autoestima diante dos outros povos. A globalização ainda não foi capaz de fazer do mundo uma “aldeia global”, termo criado pelo intelectual canadense Marshall McLuhan para designar a sociedade humana no ápice de sua integração. O processo de mundialização, no entanto, foi suficiente para transformar o futebol em uma máquina de negócios, praticamente transformando os clubes em empresas capazes de expandir suas marcas pelo mundo, fazendo com que garotos que moram em Dourados se considerem torcedores do Real Madrid, por exemplo. Apesar da mundialização das marcas dos clubes, os sentimentos locais ainda permanecem sólidos no âmbito futebolístico, na Catalunha o Barcelona ainda é um importante símbolo da região, a cena se repete no País Basco com o Athletic Bilbao. No Brasil a seleção nacional ainda parece ser capaz de representar a nação brasileira, a união e comoção causada no país pela Copa do Mundo pode comprovar isso. Esta monografia foi elaborada através de pesquisas sobre eventos do passado e também analisando o presente, para tal foi construída uma base sobre os principais conceitos para depois analisar a relação entre eles.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Identidade Nacional; Globalização; Estado Nacional.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I - IDENTIDADE NACIONAL E ESTADO.....</b>	<b>5</b>
1.1 Conceitos de identidade nacional, nacionalismo e Estado.....	5
1.2 Identidade nacional brasileira.....	11
<b>CAPÍTULO II - ORIGENS DO FUTEBOL.....</b>	<b>14</b>
2.1 Nascimento do futebol regulamentado.....	14
2.2 Popularização do jogo regulamentado.....	16
2.3 O futebol no Brasil.....	18
2.3.1 Introdução do futebol no Brasil.....	18
2.3.2 A massificação do futebol no Brasil.....	19
2.3.3 Racismo.....	21
<b>CAPÍTULO III - O FUTEBOL E A IDENTIDADE NACIONAL DE UMA FORMA GERAL, EXEMPLOS DE IDENTIDADE NACIONAL SENDO EXALTADAS ATRAVÉS DO FUTEBOL.....</b>	<b>24</b>
3.1 Futebol e a identidade nacional brasileira.....	24
3.2 O futebol e a propaganda nacionalista da ditadura militar.....	26
3.3 Espanha: futebol, política e nacionalismos.....	31
3.4 Athletic Club Bilbao, o orgulho basco.....	33
3.5 FC Barcelona, o orgulho catalão.....	36
3.6 Real Madrid, o franquismo e a identidade castelhana.....	39
3.7 Outros casos de identidade nacional no futebol: México, Chivas Guadalajara.....	40
3.8 As seleções nacionais.....	42
<b>CAPÍTULO IV - O FUTEBOL MODERNO E A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO.....</b>	<b>46</b>
4.1 Globalização e as identidades nacionais.....	46
4.2 Os efeitos da globalização no futebol.....	53
4.3 A elitização do futebol.....	54
4.4 A relação das identidades com o futebol globalizado.....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>62</b>

## CAPÍTULO I - IDENTIDADE NACIONAL E ESTADO

### 1.1 Conceitos de identidade nacional, nacionalismo e Estado

A identidade nacional é conceitualmente descrita como a origem em comum de uma sociedade, é um conjunto de sentimentos que fazem uma pessoa se sentir integrante de uma sociedade. Desde o início da humanidade o convívio social gerou uma espécie de identidade entre os grupos, algo que difere um grupo de outro, os fazendo então únicos e consequentemente criando essa identidade.<sup>1</sup>

O conceito de identidade nacional moderna é algo que passou por uma grande evolução, a própria utilização do termo “nacional”, que vem de nação, do latim *natio*, não é algo tão antigo assim, essa terminologia é bastante utilizada e atualmente é bastante ligada à ideia de Estado e território, mas nem toda nação tem um Estado e nem todo Estado é composto por uma única nação.<sup>2</sup>

O que nos une? O que cria em nós um sentimento de pertencimento? O que nos faz brasileiros? Por que e para que fazer parte de uma nação? O que nos leva a matar ou morrer por nossa pátria? Essas são indagações que vários autores que se propuseram a estudar a identidade nacional se deparam e discutem até hoje. Apesar do significado do termo Identidade Nacional apresentar divergências entre diversos autores, tanto Benedict Anderson quanto Maria Stella Martins Bresciani concordam com as concepções subjetivas do termo, para Bresciani, a identidade Nacional seria lugares comuns, “ou seja, um fundo compartilhado

---

1 MELO, José Tarcízio de Almeida. **Direito constitucional do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Del Rey, 1996, p. 455-456.

2 GUIMARÃES, Francisco Xavier da Silva. **Nacionalidade: aquisição, perda e reaquisição**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 52.

de ideias, noções teorias, crenças e preconceitos, permitindo a troca de palavras, argumentos e opiniões sobre uma comunidade política efetiva.”<sup>3</sup>.

O Estado se mostra como o maior sustentador dos ideais nacionais, esta instituição é a ideia de coletivo sob uma forma política e legítima. A questão da soberania de um governo sobre um determinado território é algo utilizado para organizar e dar rumos à um povo/nação. O Estado é o aparelho que emana soberania de um território, para os defensores do conceito de Estado-nação, seria muito difícil um consenso ou uma homogeneidade de ideias (mesmo que mínima) em uma sociedade sem essa força coercitiva, esses ideais estão enraizados desde os primeiros contratualistas, que citavam um caos generalizado numa sociedade sem Estado, o estado de natureza hobbesiano é uma descrição extremamente pessimista para esse contexto.<sup>4</sup>

A assinatura dos tratados de Vestefália é o marco da criação do Estado moderno, foi nesse momento que ocorreu a legitimação do Estado como instituição representante de uma Nação. A lógica utilizada nesses tratados foi criar Estados bastante homogêneos internamente, isso incluía tanto a questão religiosa, que foi a causa da guerra dos 30 anos, quanto os aspectos étnicos, culturais e nacionais. Foi nesse contexto que o conceito moderno de identidade nacional nasceu. Nos Estados-nação essa identidade só cresceu, levando à uma imensa diferenciação entre as nacionalidades, nesse cenário, conjuntos de ideias ligadas à nacionalidade nasceram e cresceram, sendo os nacionalismos os maiores exemplos, foi também um ambiente fértil para o nascimento da xenofobia.

Atualmente a ideia dos tratados de Vestefália seria extremamente antiquadas e no nosso contexto não fazem muito sentido, mas naquele cenário pode ter sido crucial para a estabilidade europeia. A ideia de unir nações em Estados-nação, cada qual com religião oficial, foi imprescindível para a tranquilidade doméstica desses Estados naquele momento. Os Estadistas da época consideravam um perigoso que pessoas de diferentes religiões e

---

3 BRESCIANE, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade**: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007, p. 31.

4 HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2008, p. 75.

nacionalidades vivessem juntas, sendo esse fator considerado o causador da sangrenta guerra dos trinta anos.<sup>5</sup>

Na questão doméstica dos Estados a situação se tornou mais estável, mas o florescimento de nacionalismos exacerbados criou e ainda cria situações perigosas. Quando a identidade nacional se funde com uma ideia de superioridade sobre as outras nações, o terreno é fértil para fanatismos cegos de razão.

Os símbolos são um elemento extremamente importante para o ser humano compreender o mundo, para a identidade nacional isso é bastante importante também, a bandeira nacional normalmente é o símbolo máximo de uma nação. A bandeira tem como objetivo representar e identificar toda a sociedade nacional, nela é sintetizada e representada o conjunto de cores e símbolos nacionais que representam a unidade nacional.<sup>6</sup> A bandeira da Dinamarca é a mais antiga do mundo em uso contínuo, a criação dela é narrada como “um presente de Deus jogado dos Céus” durante uma batalha.<sup>7</sup> O tipo de lenda como a da criação da bandeira dinamarquesa, é outro elemento bastante importante sobre identidade nacional. O escopo dos mitos é afirmar e narrar o nascimento de um povo/nação, as narrações pitorescas têm a intenção de reafirmar a origem comum daqueles nacionais.

Durante os séculos XIX e XX, o nacionalismo foi um fenômeno, principalmente na Europa, a ideia do coletivo era muito forte e os conceitos de identidade nacional eram extremamente prestigiados. O nacionalismo foi um vetor para a rivalidade entre nações diferentes, causou grandes conflitos.<sup>8</sup> Regimes autoritários foram criados a partir dos ideais nacionalistas, a consequência foi devastadora, o nazi-fascismo com certeza é o mais

---

5 MAGNOLI, Demetrio. **História da Paz**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 37.

6 “Os símbolos e hinos são manifestações gráficas e musicais, de importante valor histórico, criadas para transmitir o sentimento de união nacional e mostrar a soberania do país. Segundo a Constituição, os quatro símbolos oficiais da República Federativa do Brasil são a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, o Brasão da República e o Selo Nacional.” – PLANALTO. **Símbolos Nacionais**. Disponível em: <http://www2.planalto.gov.br/acervo/simbolos-nacionais>. Acesso em 17 set. 2016.

7 DENMARK. **A bandeira nacional**. Disponível em: <http://denmark.dk/pt/fatos-breves/a-bandeira-nacional>. Acesso em 17 set. 2016.

8 MAGNOLI, Demetrio. op. cit., p. 40.

lembrado. Mussolini e Hitler uniram suas respectivas nações em ideais ultranacionalistas baseados em xenofobia e racismo, com uma retórica extremamente hostil contra as nações consideradas inimigas. O conceito de Estado-nação havia ficado mais forte do que nunca.

Ao fim da segunda guerra mundial, houve em toda Europa ocidental um enfraquecimento do nacionalismo, as experiências traumáticas das guerras mundiais foram responsáveis por isso. É notável na Alemanha o medo deixado pelo nacionalismo exacerbado, nota-se um cuidado dos líderes do país em desestimular qualquer resquício de nacionalismo.<sup>9</sup> A manifestação do orgulho alemão nas últimas décadas só é bastante notável no esporte.<sup>10</sup>

Em todo o período após a segunda guerra mundial, foi notável o gradual processo de integração dos países europeus, o terreno para uma organização transnacional começou a se tornar fértil, culminando com a criação da União Europeia no dia 7 de fevereiro de 1992.

Desde então, o conceito de identidade nacional foi perdendo prestígio, assim como o conceito de Estado com fronteiras fortes, a xenofobia começou a ser desestimulada. A União Europeia promove uma integração extremamente densa entre seus membros, o que somado à globalização faz com que a Europa tenha se tornado cada vez mais homogênea, ou pelo menos tenta, já havendo alguns notáveis êxitos.

Por outro lado, a ameaça à vida soberana dos Estados viria acompanhada por um desprestígio cada vez maior da sua capacidade de legitimação em termos nacionais. O sentimento nacionalista, tão presente nos conflitos mundiais durante os séculos XIX e XX, parecia ter arrefecido. Bandeiras, hinos e canções nacionais não mais embalariam os sonhos e pesadelos de milhões de pessoas e, o que é mais importante, o nacionalismo não mais serviria como ensejo para o sacrifício de vidas humanas.

---

9 AGUIAR, Flávio. **Ângela Merkel e o novo nacionalismo alemão**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/angela-Merkel-e-o-novo-nacionalismo-alemao/6/18541>. Acesso em 20 set. 2016.

10 CAMARA, Eric Brucher. **Copa desperta novo nacionalismo na Alemanha**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u54261.shtml>. Acesso em 20 set. 2016.

O fundamento para a crença no crepúsculo das nações e nacionalismos reside principalmente no continente europeu. Após séculos de conflitos fratricidas e da morte de milhares e milhares de indivíduos, as querelas nacionais haviam sido deixadas de lado para a formação de um único bloco político e econômico, ficando para trás todo o histórico de horrores em guerras e tentativas de extermínio de etnias.<sup>11</sup>

O Nacionalismo passou a ser cada vez mais visto como algo retrógrado e até perigoso. Na traumatizada Alemanha, por exemplo, o hábito de carregar a bandeira nacional e exaltar o país é bastante incomum, com exceção de eventos esportivos. O nacionalismo também passou a ser percebido como algo feito para dar suporte a alguns grupos de oligarcas, que utilizavam do Estado e da alienação nacionalista para atingir os seus objetivos.<sup>12</sup>

Os símbolos nacionais no entanto, podem não representar de fato a história ou a origem de toda uma população, mas sim de quem os projetou, sendo vários segmentos da sociedade esquecidos algo que pode fazer sentido.

Analisando o nacionalismo estadunidense, podemos perceber que os ianques ensinam nas escolas sobre a criação do país do ponto de vista dos descendentes dos colonizadores, não dos colonizados e explorados. Tentam então impor algo que representa todos os cidadãos americanos, algo considerado bastante falacioso, visto que os indígenas e negros<sup>13</sup> foram e são muito discriminados até hoje, eles não fazem parte dessa história positivista e romantizada dos EUA, pois estavam do outro lado.

Pode-se dizer que os avanços tecnológicos fazem com que a percepção de espaço e tempo variem de geração para geração, o geógrafo britânico David Harvey explana acerca do tema em seu notório trabalho “a condição pós-moderna” de 1989. Harvey explica que os as

---

11 ROESLER, Carlos Eduardo Noronha. **Nacionalismo, Tradição e Modernidade**. 2008, p. 10-11.

Disponível em:

file:///C:/Users/DELL/Downloads/DISSERTACAO\_CARLOS\_EDUARDO\_NORONHA\_ROESLER.pdf. Acesso em 03 nov. 2016.

12 GARCÍA, Pedro de Vega. Sistema. IN: **Revista de ciencias sociales**, Nº 16, 1977, p. 51-64.

13 KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Lumen, 2000, p.53-56

distâncias e o tempo diminuem com o progresso tecnológico, fazendo com que o mundo hoje pareça ser menor do que nos séculos passados, nos quais eram preciso vários meses para percorrer uma distância que hoje em dia o ser humano é capaz de percorrer em questão de horas:

À medida que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia "global" de telecomunicações e uma "espaçonave planetária" de interdependências econômicas e ecológicas \_\_ para usar apenas duas imagens familiares e cotidianas \_\_ e à medida em que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente e tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais (Harvey, 1989, p. 240).<sup>14</sup>

Obviamente o isolamento fez com que as populações fossem bastante homogêneas no passado, isso fez com que no futuro, o conceito de nação fosse algo bastante forte. A identidade comum em um grupo de pessoas era muito mais expressiva no passado, quando o Estado-nacional surgiu da maneira como conhecemos, as fronteiras eram muito mais intransponíveis do que hoje, o contato com estrangeiros não era algo tão comum como é atualmente, o desconhecido traz medo e o conhecido traz mais confiança e conforto, isso talvez tenha sido um importante fator na formação de identidades nacionais tão sólidas no passado.

Ao mesmo tempo, o próprio conceito de identidade nacional foi posto intelectualmente à prova. Inicialmente pela historiografia, que mostrou o quanto havia de fajuto em ritos, vestes, poemas e canções nacionais, às quais se reputava uma origem antiquíssima, mas que foram na verdade forjadas com o intuito deliberado de servir aos propósitos políticos de grupos nacionalistas. E em seguida, pela chamada crítica pós-moderna, pródiga em identificar a dissolução identitária dos sujeitos em um mundo vítima de um contínuo processo de modernização. Os rótulos étnicos e nacionais seriam eles mesmos fluidos, incapazes de manter-se fixamente em um mundo em constante transformação.<sup>15</sup>

---

14 HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall4.html>. Acesso em 03 nov. 2016.

15 ROESLER, Carlos Eduardo Noronha. op. cit., p. 11. Acesso em 03 nov. 2016.

A fim da guerra fria e o processo de globalização foi um grande divisor de águas em vários sentidos, desconstruiu certezas e expôs vários novos desafios para o mundo. O surgimento de novos atores não estatais extremamente influentes fez com que a importância dos Estados fosse cada vez mais questionada, muito se debateu se a ideia de Estado como organização política estava se enfraquecendo.

O próprio campo das relações internacionais sofreu mudanças com as quebras de paradigmas, escolas positivistas do campo como o Realismo e suas derivações não conseguiam mais explicar os acontecimentos globais a partir do fim da guerra fria.

Com um suposto enfraquecimento do Estado, algo que seria seriamente atingido é a ideia da identidade nacional, pois o Estado é o principal difusor dos ideais nacionalistas. Sem a ideia de território, povo e entidade soberana, o nacionalismo ficaria muito desprotegido e a ideia que o coletivismo passa ficaria dispersa. O historiador Benedict Anderson<sup>16</sup> argumentou que todos os sentidos de nação e identidade nacional estão protegidos pelo Estado Soberano:

Imagina-se a nação soberana porque o conceito nasceu na época em que o iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico e ordem divina. Amadurecendo numa fase da história humana em que mesmo os mais fervorosos adeptos de qualquer religião universal se defrontavam inevitavelmente com o pluralismo vivo dessas religiões e com o alo morfismo entre as pretensões ontológicas e a extensão territorial de cada credo, as nações sonham em ser livres – e, quando sob dominação divina, então diretamente sob sua égide. A garantia e o emblema dessa liberdade é o Estado Soberano.<sup>17</sup>

A ideia central de Benedict Anderson em “Comunidades Imaginadas” é mostrar o quanto a ideia de identidade coletiva pode ser extremamente utópica, discordando de vários autores nacionalistas. Anderson define nação como uma comunidade política imaginada, pois

---

16 ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexos sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 34.

17 *Ibidem.*, loc. cit.

é impossível que todos os membros se conheçam entre si, no sentido de indivíduos, sendo que a única coisa que os une é uma ideia imaginada de coletividade entre todos eles.

Anderson cita que o antropólogo franco-britânico André Gellner tem um pensamento muito similar ao seu, Gellner cita que o “Nacionalismo inventa nações onde elas não existem”.

Os conceitos de Anderson e Gellner vão contra tudo que é pensado no *mainstream* do pensamento sobre os conceitos de identidade nacional e nacionalismo, ambos os autores questionam ideias como “origem comum” e propõe outros sentidos para os conceitos de “nação”, “comunidade” e “povo”. De certa forma ambos também reforçam a tese de que o Estado é a garantia da existência dessas comunidades imaginadas.

O Estado é comunidade imaginada de uma forma política, reunindo leis e soberania, dessa maneira colocando todo o aparelho estatal com a função de proteger a identidade nacional.

## **1.2 Identidade nacional brasileira**

Antes de dizer sobre uma identidade brasileira, é preciso destacar alguns aspectos. O Brasil é um país muito grande, muito plural em número de raças/etnias, e, que por muito tempo passaram extremamente divididas em aspectos socioeconômicos. A pluralidade deve ser considerada e levado bastante em consideração ao falar sobre identidade nacional ou nacionalismo, tais conceitos são bastante coletivistas no ponto de vista social, o professor e filósofo Michel Debrun enumerou e explicou sobre esses aspectos:

As diferenças ou oposições de classe ou etnias, regiões, etc. invocadas para demonstrar a impossibilidade de tal consenso não devem nos fazer esquecer que a invenção da Nação, das primeiras nações, se deve precisamente à necessidade de criar um liame forte — portanto não artificial, não redutível a uma ideologia do liame ou a um discurso sobre o liame — entre elementos muito heterogêneos. Nações homogêneas, como a atual Polônia — composta quase unicamente de elementos ao mesmo tempo poloneses e católicos —, são a exceção, não a regra. Mais exatamente a Nação originou-se do descompasso entre duas categorias de fenômenos, a partir do século XVI:

- Grande complexidade das sociedades ocidentais em termos de regiões, etnias, estamentos e classes (incipientes).
  
- Paralelamente a unidade infra estrutural crescente dessas sociedades, pela generalização da economia capitalista e pela articulação de todos com todos através da divisão do trabalho (a solidariedade orgânica de Durkheim). Cria-se um espaço econômico unificado, progressivamente despojado de barreiras e limitações corporativas.<sup>18</sup>

A formação da identidade nacional brasileira foi bastante complexa, em primeiro lugar é preciso lembrar que a concepção de “Estado” foi compreendida de modo básico pela maioria da população muito tarde. A participação das classes mais baixas na formação do Estado Brasileiro foi praticamente nula<sup>19</sup>, se não totalmente. No Brasil as relações e o civismo sempre foram dados de maneira muito vertical, o príncipe declarou a independência, o marechal proclamou a república e assim por diante.

Até os dias de hoje é bastante comum os brasileiros não exaltarem tão frequentemente a sua nacionalidade. Se torna bastante difícil se sentir representado por algo que muitas vezes não se mostrou presente na vida de uma grande parcela dos cidadãos brasileiros de forma igual, esse algo é o Estado brasileiro.<sup>20</sup> Não que definitivamente o brasileiro não exalte sua nacionalidade, a questão é bastante complexa.

O jurista e jornalista republicano Aristides Lobo por exemplo, escreveu um artigo que foi publicado 3 dias após a proclamação da república, todo o conteúdo é bastante citado, mas

<sup>18</sup> DEBRUN, Michel. **A identidade nacional brasileira**. 2. ed. Campinas: Vozes Ltda, 1990, p. 42.

<sup>19</sup> Ibidem., loc. cit.

<sup>20</sup> DEBRUN, Michel. op. cit., p. 42.

o ápice talvez tenha sido uma frase que se tornou bastante famosa: “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada.”<sup>21</sup>.

A frase citada acima é um relato histórico, que demonstra como o Estado brasileiro foi criado, e, no caso da proclamação da república, transformado politicamente, de forma bastante elitista e de maneira vertical, de modo que a identidade nacional e sentimento coletivista na sociedade brasileira foi por muito tempo disperso.

O Estado brasileiro em várias ocasiões buscou criar um sentimento mais coletivo entre os cidadãos brasileiros, na república isso foi normalmente aplicado em épocas mais autoritárias. Durante o período da chamada “república do café com leite”, não era uma grande preocupação ou algo que fazia parte da ideologia dos governantes aumentar a ideia de coletivismo no Brasil, uma ideia de nação, até porque nesse período a grande preocupação era os interesses das oligarquias.

Com Getúlio Vargas assumindo a presidência em 1930 temos um grande exemplo de governo nacionalista, no discurso de Vargas era possível ver um líder entusiasta desse tipo de ideal, ele falava em aspectos como unidade nacional, nacional-desenvolvimentismo e ainda inaugurou uma política externa brasileira mais independente.<sup>22</sup>

No governo Vargas também foram criadas leis e direitos trabalhistas, ele era considerado o “pai dos pobres”, uma grande parte da população que por muito tempo não se sentiu representada pelo Estado passaram a conhecer a face do Estado brasileiro de uma maneira mais positiva, isso talvez possa ter ajudado a criar um sentimento de coletivismo na sociedade da época.

---

21 BRITO, Nonato. **Proclamação da República: “O povo assistiu àquilo bestializado”**. Disponível em: <https://www.vimareense.com.br/single-post/2015/11/16/Proclama%C3%A7%C3%A3o-da-Rep%C3%BAblica-O-povo-assistiu-%C3%A0quilo-bestializado>. Acesso em 16 nov. 2016.

22 LIMA, Marcos Costa. **GETÚLIO VARGAS E O ESTADO NACIONAL DESENVOLVIMENTISTA**. Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414). Acesso em 22 nov. 2016.

O regime militar ficou caracterizado pelo ufanismo e pela imensa propaganda nacionalista/patriótica presente em sua ideologia<sup>23</sup>, era um regime bastante conservador, o nacionalismo era uma política de Estado. Os militares auto intitulavam-se os verdadeiros defensores da nação brasileira, também tinha o nacional desenvolvimentismo como uma bandeira.

Os opositores do governo militar eram considerados antipatriotas e inimigos da nação brasileira, e, mesmo que não fossem de fato, eram considerados comunistas. Os militantes de esquerda foram os mais perseguidos na ditadura.<sup>24</sup>

Devido à propaganda nacionalista e ufanista, era comum os estudantes nas escolas aprenderem bastante sobre os símbolos nacionais e o Estado brasileiro. Frases como: “Brasil, ame ou deixe-o” eram bastante utilizadas nas propagandas e esses ideais acabaram sendo absorvidos por grande parte da população.

---

23 ARAÚJO LIMA, Érico Oliveira de. **Ideologia e ditadura militar: a imagem do regime construída na imprensa brasileira durante o regime militar no país (1964-1985)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Ideologia%20e%20ditadura%20militar.pdf>. Acesso em 20 nov. 2016.

24 SILVEIRA, Nubia. **A repressão e a resistência durante o regime militar**. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/a-repressao-e-a-resistencia-durante-o-regime-militar/>. Acesso em 20 nov. 2016.

## CAPÍTULO II - ORIGENS DO FUTEBOL

### 2

#### 2.1 Nascimento do futebol regulamentado

Desde pelo menos o século III a.c há relatos de várias atividades semelhantes ao futebol sendo praticadas por diversas sociedades em todo o mundo, de alguma maneira nunca esclarecida concretamente, essa prática chegou até a Inglaterra, o berço do futebol da maneira como conhecemos.<sup>25</sup>

Inicialmente o futebol era praticado de maneira caótica na Inglaterra, o jogo era brutal e considerado extremamente rude e selvagem, a violência era bastante comum no futebol medieval. A principal maneira de praticar o esporte era em duelos entre vilarejos, os aldeões passavam dias até atingir o objetivo do “jogo”, que era levar a bola até a área central do povoado rival. A elite olhava a prática do futebol com grande desprezo, a prática era associada

---

<sup>25</sup> ALVITO, Marcos. **Futebol é bom para pensar**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-1-a-pre-historia-do-futebol/>. Acesso em 02 fev. 2017.

a imbecilidade. O esporte foi proibido em diversas localidades inglesas porque era considerado um elemento que causava grande desordem social.<sup>26</sup>

Foi só no século XVIII que aconteceram as primeiras regulamentações universais e o futebol começou a ganhar forma, foi determinada um tamanho para os campos e o número de jogadores de cada equipe. Apesar de já haver alguns colégios e regiões que praticavam o esporte com regras, não existia um grande consenso, as regras mudavam bastante de região para região. O fato do esporte ter sido inserido nas escolas públicas britânicas 1840 foi fundamental para o surgimento do futebol moderno, pois foi dentro do ambiente escolar que o futebol foi sendo moldado.<sup>27</sup>

Curiosamente o futebol como conhecemos foi fruto de instituições elitistas, foi dentro das *public schools* inglesas que o jogo institucionalizado floresceu, apesar do nome sugerir, essas escolas não era públicas, mas sim escolas particulares nas quais os jovens de elite estudavam. O futebol nasceu praticamente isento de regras e de qualquer limite, era um jogo bastante violento antes da institucionalização e chegou a ser proibido na Inglaterra, era praticado sobretudo pelas classes menos abastadas.

De alguma forma os rapazes das *public schools* conheceram o esporte, os jovens dessas instituições eram muito conhecidos por seus atos de indisciplina e transformar o ambiente escolar em caos, muito devido ao fato de não respeitarem os seus professores que eram de classes inferiores.

Percebendo que os jovens eram entusiastas do esporte, então os diretores e professores das escolas sentiram a necessidade de delimitar regras básicas do esporte, pois como já foi citado, o futebol tradicional era praticado de uma maneira bastante anárquica. Organizar os jogos fez com que as escolas pudessem ter mais controle sobre os alunos, além disso, a prática esportiva era vista com bons olhos pela elite vitoriana.

---

26 STEIN, Leandro. **Há 700 anos, rei da Inglaterra decretava que jogar futebol era crime**. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/>. Acesso em 02 fev. 2017.

27 ALVITO, Marcos. op. cit., loc. cit. Acesso em 02 fev. 2017.

O futebol ganhou regulamentação, mas no âmbito de cada unidade escolar, isso fez com que cada instituição de ensino tivesse suas próprias regras. Ao se formarem, os meninos levavam o futebol para suas vidas nas universidades, forças armadas ou qualquer outro segmento da sociedade, o conflito de regras no entanto, tornou-se inevitável.

No século XIX começaram as primeiras tratativas para unificar as regras e chegar a um único esporte dentro da Grã-Bretanha. Em 1848 aconteceu na Universidade de Cambridge uma reunião entre desportistas que praticavam o futebol<sup>28</sup>, o intuito da reunião era debater sobre como se praticar o esporte, o resultado foi um código de regras considerado o precursor do futebol moderno, era o código de Cambridge.

Não era fácil fazer com que os meninos abrissem mão das suas próprias maneiras de praticar o esporte, enquanto não se chegava até um consenso, o futebol rapidamente se difundiu pela Inglaterra, chegando também até as outras nações do Reino Unido. Um importante reduto do futebol era a cidade de Sheffield, lá foi fundado em 1857 o Sheffield Football Club, considerado o primeiro clube de futebol do mundo.<sup>29</sup>

O esporte chegou também até as outras nações do Reino Unido, se tornou extremamente popular na Escócia e passou a ser bastante praticado também em Gales. Na Irlanda o esporte dividiu bastante opiniões, muitos o enxergavam como um esporte que remetia ao domínio inglês. Os nacionalistas irlandeses preferiam jogar esportes irlandeses como maneira de afirmar sua identidade, esses eventos provavelmente foram os primeiros envolvendo identidade nacional e o futebol. Na Escócia os nacionalistas enxergavam de uma maneira diferente, eles queriam vencer os ingleses utilizando o próprio esporte deles.

O ano de 1863 é considerado o ano do nascimento do futebol moderno, pois nesse ano foi fundada em Londres a Football Association.<sup>30</sup> A associação de futebol mais antiga do

---

28 STEIN, Leandro. **A criação das regras e a expansão do futebol pelo mundo**. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/150-anos-de-futebol-a-criacao-e-a-expansao-das-regras/>. Acesso em 04 fev. 2017.

29 SHEFFIELDFC. **The oldest football club**. Disponível em: <http://www.sheffieldfc.com/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

30 THE FA. **The history of the FA**. Disponível em: <http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

mundo ainda em atividade foi fundada por 11 clubes de futebol londrinos, tinha como principal objetivo chegar a uma regra comum do esporte.

As várias reuniões realizadas pela associação tiveram como resultado a criação do código de regras que é a base do futebol atual, mesmo que pequenas regras tenham mudado desde essa época, a base do futebol como conhecemos é o código da Football Association. A associação decidiu excluir totalmente o uso das mãos para conduzir a bola pelos jogadores de linha, os clubes que não concordaram com isso saíram da associação, mais tarde eles fundariam a associação de rúgbi.

As regras da Football Association não foram adotadas de imediato, mas aos poucos foi se estabelecendo na Grã-Bretanha, a associação era bastante forte e era conduzida por clubes influentes, menos de uma década depois o futebol já era majoritariamente praticado com as regras universais. Em 1871 a Football Association criou o seu primeiro torneio, conhecido como “The FA Cup”, essa copa existe até os dias de hoje.

## **2.2 Popularização do jogo regulamentado**

Os antigos alunos das *public schools* obviamente levavam vantagem no jogo regulamentado, o futebol com regras tinha sido criado no ambiente deles, os clubes formado por esses ex-alunos eram hegemônicos no início. O futebol foi elitista na maior parte do século XIX, ficar preso nas instituições de ensino fez com que o jogo fosse uma prática burguesa. O que mais impulsionou o esporte a ganhar a classe trabalhadora foi a fundação da Football Association, a instituição fez com que o esporte saísse das unidades educacionais e ganhasse os outros segmentos da sociedade britânica.

Naturalmente o esporte começou ser bastante popularizado entre a classe trabalhadora. Surgia cada vez mais clubes em áreas industriais da Grã-Bretanha, na década de 1880 os clubes de trabalhadores conquistaram seus primeiros feitos notáveis dentro do esporte, o

futebol regulamentado já não era mais um jogo elitista, a própria elite criadora do esporte enxergava com bons olhos a massificação do esporte.

O futebol sempre foi um jogo que exigia poucos recursos para ser praticado, basta uma bola e um local aberto e o jogo pode ser jogado, isso também foi um importante fator na popularização do esporte entre a classe trabalhadora. O futebol foi então devolvido para as classes menos abastadas, mas de uma forma oficializada estava longe de ser considerado uma prática abominável como na época que chegou na Inglaterra.<sup>31</sup>

O sociólogo e jornalista esportivo britânico David Goldblatt destacou o enorme envolvimento da classe trabalhadora com o futebol em seu livro “*The ball is round: a global history of football*”, o escritor disse em seu livro que os trabalhadores não conheceram um esporte, mas que o futebol foi devolvido para as classes menos abastadas. A massificação do futebol foi tão grande que a classe trabalhadora passou a ser maioria entre os praticantes e os espectadores, no início do século XX já era o esporte mais popular da Grã-Bretanha.

Como os operários não tinham tempo livre para treinar, alguns clubes começaram a pagar os seus jogadores para que se dedicassem mesmo que de maneira parcial ao esporte, foi nesse momento que o futebol começou a apresentar os primeiros passos em direção ao profissionalismo, que durante muito tempo foi combatido dentro do esporte.

Com a popularização do futebol entre a classe trabalhadora, no fim do século XIX o esporte adquiriu novos contornos sociais. A influência do esporte fora de campo passou a ser notória, os clubes passaram a exercer grandes paixões e simbolizar muita coisa dentro e fora de campo, a identidade clubística ganhou muita força. A representatividade que o futebol é capaz de trazer é algo bastante impressionante.

---

31 ALVINO, Marcos. **The ball is round, Capítulo E – Uma vida bem mais esplêndida – o futebol industrial e a Grã-Bretanha da classe trabalhadora, 1888-18914**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-3-uma-vida-bem-mais-esplendida-o-futebol-industrial-e-gra-bretanha-da-classe-trabalhadora-1888-1914/>. Acesso em 17 fev. 2017.

Ele (o futebol) te transformava em um membro de uma nova comunidade, todos irmãos, juntos por uma hora e meia, pois você não somente havia escapado da maquinaria estridente desta vida menor, do trabalho, do salário, aluguel, da caridade, pagamento por doença, cartões de seguro, esposas resmungonas, crianças doentes, maus patrões, trabalhadores preguiçosos, mas você havia escapado com a maioria dos seus amigos e vizinhos, com metade da cidade, torcendo juntos, um dando tapa no ombro do outro, trocando julgamentos como os Senhores da Terra, depois de abrir caminho pela roleta na direção de uma outra vida completamente mais esplêndida.<sup>32</sup>

Os trabalhadores industriais enxergaram no esporte uma maneira de esquecer as dificuldades da dura vida operária, no Estádio eles se sentiam representados pelo seu clube, até porque muitos clubes tinham origem operária, fato que só aumentava a representatividade.

## 2.3 O futebol no Brasil

### 2.3.1 Introdução do futebol no Brasil

Oficialmente o futebol foi trazido ao Brasil pelo paulistano Charles Miller. Charles era filho de escoceses e ingleses, seu pai veio ao Brasil trabalhar na empresa São Paulo Railway Company, ferrovia que ligava o interior do Estado de São Paulo ao litoral. Quando jovem foi enviado até a Grã-Bretanha para estudar, lá ele conheceu o futebol, que nessa época já era um esporte muito popular no Reino Unido, Miller se apaixonou pelo esporte e virou um grande entusiasta. O jovem retornou ao Brasil em 1894, nas suas malas trouxe ao Brasil duas bolas, dois conjuntos de uniforme, uma bomba de encher e um pequeno livro da Football Association incluindo as regras básicas do esporte.<sup>33</sup>

---

32 ALVINO, Marcos. op. cit., loc. cit. Acesso em 17 fev. 2017.

33 MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: RT, 2002, p.13-15.

Charles Miller tinha em suas mãos os objetos necessários para uma partida de futebol, só precisava então fazer as pessoas conhecerem o esporte. Assim como seu pai, o jovem começou a trabalhar na São Paulo Railway Company, os seus companheiros de trabalho foram os primeiros alvos de Miller para difundir o esporte, ele também introduziu o esporte dentro dos clubes do qual era membro na cidade de São Paulo.

Oficialmente o primeiro jogo de futebol realizado no Brasil aconteceu em 14 de abril de 1895 em uma chácara na cidade de São Paulo, o time de Charles Miller, formado por funcionários da São Paulo Railway Company, venceu a partida pelo placar de 4x2, a outra equipe era o time da Companhia de Gás Paulistana.<sup>34</sup>

Charles Miller faleceu em 1953 aos 79 anos, dedicou toda sua vida ao esporte, ajudou a fundar o a Federação Paulista de Futebol, quando se aposentou como jogador, continuou atuando como árbitro, a história de sua vida se confunde com a história do futebol no Brasil.

Apesar de Charles Miller ser considerado oficialmente o pai do futebol no Brasil, há algumas versões diferentes de que não foi ele o único responsável ou responsável direto pela difusão do esporte. Uma das mais famosas histórias alternativas da primeira partida do esporte no Brasil é de 1894, quando segundo relatos, o escocês Thomas Donohoe teria trazido uma bola da Inglaterra e realizado o primeiro jogo de futebol na cidade do Rio de Janeiro. Thomas veio ao Brasil para trabalhar na fábrica têxtil de Bangu, empresa que deu origem ao Bangu Atlético Clube.<sup>35</sup>

### 2.3.2 A massificação do futebol no Brasil

---

34VALENTE, Rafael. Futebol brasileiro completa na terça 120 anos da 1ª partida no país. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/04/1615729-futebol-brasileiro-completa-na-terca-120-anos-da-1-partida-no-pais.shtml>. Acesso em 19 fev. 2017.

35 BANGU NET. **1889 A 1903**. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1889a1903.php>. Acesso em 20 fev. 2017.

A prática do futebol ficou por algum tempo presa dentro do círculo de convivência de pessoas de elite para somente depois ganhar a popularização entre os outros segmentos da sociedade. Assim como na Inglaterra, o futebol regulamentado no Brasil também foi bastante elitista em seu início, Charles Miller trouxe o esporte ao país, mas não ao povo, o círculo de convivência do “pai do futebol brasileiro” era bastante restrito aos descendentes de britânicos da alta sociedade paulistana. O primeiro campeonato a ser realizado em solo brasileiro foi o campeonato paulista, o torneio tinha apenas 5 equipes, formados basicamente por esportistas amadores provenientes da elite paulistana.

No início o futebol era amador, pois antes de mais nada o esporte era uma forma de entretenimento para a elite, os primeiros praticantes do futebol no Brasil eram descendentes de britânicos, eles praticavam o esporte dentro dos aristocráticos clubes da capital paulista.

Assim como na Inglaterra, com o crescimento da indústria o futebol passou a se espalhar entre a população mais pobre. Muitas das poucas indústrias brasileiras eram inglesas, foi assim que muitos operários brasileiros conheceram o esporte e passaram a praticar, eles então levavam o esporte para os seus locais de origem nas periferias, introduzindo o esporte até a população mais pobre. Como já citado anteriormente, o futebol é um esporte muito fácil de ser praticado, é muito acessível devido ao fato de exigir poucos materiais, isso com certeza é um fato preponderante para o esporte ter se espalhado tão facilmente.

A partir da década de 1910 ficava cada vez mais clara a massificação do futebol no Brasil, os primeiros clubes fora dos círculos elitistas passaram a ganhar destaque. No Rio de Janeiro foi o Bangu Atlético Clube, a agremiação foi criada pelos funcionários da Fábrica Bangu. Em São Paulo foi fundado o Sport Club Corinthians Paulista, o clube foi fundado por operários do bairro Bom Retiro.

Com clubes de origem operária, naturalmente o esporte passou a ser mais democratizado, somente a partir dessas instituições foi a possível a incorporação de mulatos e negros no esporte, o racismo era gritante no Brasil, a abolição da escravidão havia ocorrido recentemente e a desigualdade social enorme, a segregação entre grupos étnicos ainda mais marcante do que hoje.

A elite passou a defender que o esporte deveria ser mantido como amador, tinham como argumento que o esporte deveria ser praticado por puro lazer e gosto pela prática, também seria uma maneira de fazer com que o esporte carregasse mais paixão dentro de campo.

A manutenção do esporte no amadorismo era um grande inimigo da democratização do esporte, pois as classes menos abastadas só poderiam praticar o esporte com mais seriedade e de forma mais competitiva se o futebol se tornasse uma profissão.

Com a popularização nasceu o sentimento de representatividade por meio do futebol na classe trabalhadora brasileira, a exemplo da Inglaterra. Os clubes atraíam cada vez mais torcedores aos estádios, a paixão pelos clubes crescia bastante, o futebol começa a ganhar os seus contornos sociais no Brasil.

A profissionalização do futebol veio oficialmente em 1933, mas não foi bem aceito por todas as instituições, a Confederação Brasileira de Esportes não apoiava a profissionalização, nesse contexto a seleção brasileira foi participar da copa do mundo de 1934, apenas com os atletas amadores.<sup>36</sup> No ano de 1937 finalmente a CBD aceitou a profissionalização, a data foi o marco da unidade do futebol brasileiro e a partir dela o futebol se tornou cada vez mais competitivo no Brasil, o reflexo foi o fortalecimento da seleção brasileira.

A rivalidade bairrista entre o estado do Rio de Janeiro e o estado de São Paulo também prejudicou a representatividade da seleção brasileira. Os cariocas tinham grande força política, a cidade do Rio era a capital da república, os paulistas por sua vez se notabilizaram por terem os melhores jogadores. Na copa de 1930 a Federação Paulista não liberou os seus atletas para o torneio, pois queriam um representante na comissão que organizava a comitiva brasileira, a CBD, dominada pelos cariocas recusou, então aconteceu o boicote paulista. A seleção brasileira foi bastante prejudicada pelo boicote, grandes jogadores não foram jogar a copa devido à rivalidade bairrista, a derrota brasileira foi recebida com felicidade pelos torcedores paulistas, que não se sentiam representados pela equipe.

---

<sup>36</sup> MAGALHÃES, Livia Gonçalves. op. cit., p. 21-22.

Vários fatores como a unidade brasileira dentro do esporte, o grande enfraquecimento da segregação do futebol entre classes e etnias e a enorme popularização, fizeram com que o futebol ficasse cada vez mais forte dentro do país. O futebol emergiu como uma importante instituição social brasileira, a seleção brasileira se fortaleceu bastante nas décadas de 40 e 50, assim como o próprio esporte, o time nacional se tornou um grande símbolo para a população brasileira.

### 2.3.3 Racismo

O racismo não é algo recente dentro do futebol, seja ele no Brasil ou no mundo, o futebol reflete o contexto das sociedades em que está inserido, o esporte chegou no Brasil pouco tempo após a abolição da escravidão.<sup>3738</sup>

Os negros foram inseridos na sociedade de uma maneira muito desastrosa depois da lei áurea, a marginalização da população negra foi praticamente imediata, essas pessoas chegavam até as cidades sem perspectivas, muitos foram empurrados para dentro da marginalidade. As teorias racistas defendidas por aqueles que eram contra a abolição ganharam força, era bastante comum entre a população não negra defender ideias absurdas de que o negro não era preparado para viver em sociedade.

Naturalmente toda a carga de racismo caiu sobre o futebol, era muito raro ter algum futebolista negro. No estado do Rio de Janeiro era proibido até o ano de 1918 ter qualquer jogador negro nas equipes e quando apareciam era apenas para “quebrar um galho”. Permitir jogadores negros obviamente não acabou com o racismo, se por um lado os torcedores passaram a se importar cada vez menos com a presença de futebolistas negros nos times, esses

---

37 GORDON JUNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.2, p.71-90, 1995.

38 FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Atlas, 2003, p. 292.

jogadores eram os primeiros alvos em caso de derrota, era comum eles serem acusados de receber suborno.

Falar de racismo dentro do futebol não é algo novo, Mário Filho escreveu sobre o tema racial em “O negro no futebol brasileiro (1947)”. O livro do jornalista é a sua obra mais conhecida e é também uma das maiores referências históricas do futebol brasileiro. A maneira como o autor aborda as desigualdades raciais tem um grande valor não só nos estudos sobre o futebol, mas também dentro das análises sobre a inserção do negro na sociedade através do futebol. Mesmo que Mário Filho possa ter sobrevalorizado a participação do futebol na diminuição da segregação racial, é notável o número de argumentos utilizados pelo autor, que sempre procura legitimar o que pensa com base em uma vasta bagagem de relatos da participação dos negros no esporte que chegou tão elitista no Brasil.

“O negro no futebol brasileiro” aborda também o conceito de identidade nacional. O jornalista considera a ampla aceitação dos negros dentro do futebol uma forma de legitimar o futebol como um símbolo do Brasil. O livro é de 1947, isso nos dá a dimensão da revolução que a obra significou. Apesar de obviamente ser influenciado pelo contexto em que viveu, o registro de Mário Filho contraria vários aspectos não só integrantes do senso comum da época, mas também vai contra algumas teorias científicas, pois a obra exalta a habilidade dos negros e mulatos para praticar o futebol, sendo que ainda era bastante comum enxergar os negros como inferiores aos brancos em inúmeros aspectos.

Por fim, o livro também descreve como o negro utilizou o esporte para afirmar sua autoestima, se no início o negro era discreto e aceitava passivamente a sua condição dentro do campo, a entrada massiva dos pobres no cenário futebolístico e conseqüentemente a fundação de mais e mais “clubes operários”, fez com que os futebolistas negros ganhassem mais confiança. Com o empoderamento negro, episódios como os de passar pó de arroz na face, protagonizados pelo jogador Carlos Alberto do fluminense, foram diminuindo.

Mário Filho, no entanto, não foi o único escritor do seu tempo a defender a integração das raças, é possível encontrar algumas semelhanças de argumentos do seu célebre livro com as obras de outros escritores do seu tempo. Gilberto Freyre já defendia em clássicos como “Casa-Grande e Senzala” que os negros não eram uma raça inferior, o sociólogo

pernambucano recusava teorias como a do “determinismo racial”. Freyre tinha a opinião de que os negros eram importantíssimos na formação de uma identidade nacional genuinamente brasileira, o escritor foi um dos primeiros a defender que somente com a miscigenação a sociedade brasileira iria adquirir uma característica única que o caracterizasse como um povo. Possivelmente Mário Filho se inspirou nos argumentos de Freyre, o pernambucano era um sociólogo bastante influente, cuja obra principal ganhou bastante destaque, seja positivo ou negativo.

A popularização do futebol naturalmente amenizou o racismo no futebol brasileiro, os negros, pardos, mulatos e afins compõem grande parte da população brasileira, isso refletiu no esporte. Hoje é praticamente impossível imaginar como seria o futebol brasileiro sem os negros, ainda assim a discriminação racial existe dentro do esporte atualmente, tornando tudo bastante contraditório.

A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota.<sup>39</sup>

O Vasco da Gama foi uma agremiação de destaque na luta contra o racismo, foi o primeiro clube carioca a ter um negro como presidente, em 1923 veio o primeiro título carioca do Vasco, a equipe era formada por muitos negros e mulatos, isso sem dúvida foi um importante marco na democratização social e étnica do futebol brasileiro. O título do Vasco foi um verdadeiro marco na entrada massiva dos negros no futebol carioca, o futebol carioca passou a caminhar para a democratização.<sup>40</sup>

---

39 FILHO, Mario. op. cit., p. 293.

40 SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo. 2010.** 489 f Tese(Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

### **CAPÍTULO III - O FUTEBOL E A IDENTIDADE NACIONAL DE UMA FORMA GERAL, EXEMPLOS DE IDENTIDADE NACIONAL SENDO EXALTADAS ATRAVÉS DO FUTEBOL**

3

#### **3.1 Futebol e a identidade nacional brasileira**

O futebol, o esporte coletivo mais praticado no mundo, é um fenômeno capaz de atrair a atenção de milhões de pessoas no mundo. O “esporte bretão” se encaixa nesse projeto justamente pelo fato do mesmo ter uma enorme capacidade de ser utilizado voluntariamente ou não para exaltar uma identidade nacional, um Estado, ou até uma ideologia política, caso do “futebol científico”<sup>41</sup>, praticado pelo bloco socialista na guerra fria.

O Brasil é um país muito extenso geograficamente, tem uma população bastante diversificada cultural e etnicamente, os regionalismos são muito fortes, mas esses fatores não impediram o país de ter uma certa unidade. Como já citado, a unidade que mantém os laços de origem comum entre os brasileiros sempre foi algo promovido pelo Estado Brasileiro

---

41 MATEUS, Rafael. **Futebol Científico de Valeriy Lobanovskyi: ciência, tecnologia e raciocínio lógico na concepção de uma filosofia de jogo**. Disponível em: <https://www.vavel.com/br/futebol-internacional/386693.html>. Acesso em 13 mar. 2017.

desde a independência, a ex-colônia portuguesa virou um único país enquanto os vizinhos de origem hispânica acabaram virando vários países.

Um elemento bastante comum em todas as regiões brasileiras é o futebol, o esporte é bastante associado ao povo brasileiro no exterior. Muito se diz que o Brasil é o país do futebol, o esporte é imensamente atrelado à cultura popular brasileira, a seleção brasileira por muito tempo foi considerada um patrimônio do país, então fica claro que para o brasileiro, mesmo que isso ocorra para grande parte, na época da Copa do Mundo Fifa, o futebol é um dos maiores instrumentos pelo qual ele exalta sua identidade nacional, o estereótipo brasileiro é ligado a esse esporte.

Para o Brasil o futebol é um elemento muito mais abrangente para a formação de uma identidade nacional do que os tradicionais, quando aqui foi colocado sobre a identidade nacional brasileira, foi comentado que o Estado-nação brasileiro foi criado através de interesses bastante elitistas, privilegiando poucos e excluindo muitos. O futebol como já comentado, tem uma imensa capacidade de atrair multidões, ele chega em todos os setores da sociedade brasileira.<sup>42</sup>

O futebol é um esporte que não tem classe social, seja para praticar ou para torcer, basta olhar para a seleção brasileira de futebol por exemplo, grande parte dos jogadores que vestem a camisa da seleção são advindos de classes mais humildes. É destaque a imensa presença dos negros no escrete canarinho, essas pessoas que tiveram muita dificuldade em integrar-se à sociedade brasileira após a abolição da escravidão, como citado no capítulo anterior.

Como o esporte tem a capacidade de ser um veículo para exaltação da identidade nacional, aliado à sua grande abrangência, podemos dizer que para o brasileiro o futebol foi fundamental para a manutenção da sua identidade nacional. Diferentemente de países como a Espanha por exemplo, orgulho e a identidade nacional brasileira dentro do futebol é algo relacionado a seleção brasileira e não relacionado a algum clube.

---

42 GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVI, 2002, Caxambú. ANPOCS, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, 2002.

De uma maneira geral, a unidade nacional brasileira é bastante sólida dentro da nossa sociedade, isso se reflete no futebol, alguns clubes podem ser vistos como representantes de uma identidade regional, existem algumas exceções, como quando um clube brasileiro disputa uma competição internacional, em alguns casos essa equipe pode ser vista como “o Brasil” no campeonato, como foi o caso da Chapecoense na copa sul-americana de 2016.

No clássico livro “O negro no futebol brasileiro” do jornalista e escritor Mário Rodrigues Filho, o sociólogo Gilberto Freyre escreveu um prefácio. Freyre citou a importância do futebol para o brasileiro, principalmente para os negros, devemos levar em conta que o livro é de 1947:

Creio não dizer novidade nenhuma repetindo que por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e impulsos irracionais do homem brasileiro, em busca da sublimação. Essa sublimação estava outrora apenas na oportunidade para feitos heroicos ou ações admiráveis que o Exército, a Marinha e as Revoluções mais ou menos patrióticas abriam aos brasileiros brancos e, principalmente, mestiços ou de cor, mais transbordantes de energias animais ou de impulsos irracionais. [...]

[...]O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou para-sociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio.[...]

[...] O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais.<sup>43</sup>

---

43 RODRIGUES, Mário Filho. **O negro no futebol brasileiro**. 1. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1964, p. 26.

Em 1950 o Brasil sediou a copa do mundo pela primeira vez, o torneio retornava após 12 anos, o hiato aconteceu devido à segunda guerra mundial, nesse tempo o futebol se consolidou e ganhou inúmeros adeptos no Brasil, a expansão foi notável, o Estádio do maracanã, batizado oficialmente com o nome do jornalista Mário Filho, foi construído e tinha capacidade para 200 mil pessoas, o Brasil não venceu o torneio, mas a presença esmagadora da torcida brasileira na competição foi destacada, a seleção tinha o apoio de grande parte da população, talvez tenha sido nesse momento em que a seleção brasileira tenha sido considerada a “pátria de chuteiras”.

Em 1958 a seleção brasileira foi até a Suécia disputar o mundial, dessa vez foi campeã pela primeira vez, os jogadores imediatamente foram reconhecidos como heróis brasileiros, entre os protagonistas estava Pelé, um jovem negro de apenas 17 anos, de origem humilde ele se tornaria o maior jogador de todos os tempos e um ícone brasileiro também no exterior.

### **3.2 O futebol e a propaganda nacionalista da ditadura militar**

Os regimes autoritários costumam utilizar a propaganda nacionalista para fortalecer os seus discursos tanto internamente quanto no âmbito internacional, a maneira como esse nacionalismo é exaltado varia dependendo do local, isso porque estão envolvidos fatores culturais, históricos e sociais.

O Brasil sempre foi visto como uma nação pacífica no sistema internacional, o país raramente utilizou o belicismo como uma forma de afirmar a autoestima nacional ou aumentar sua influência internacional, o que nas relações internacionais é chamado de *hard power*.<sup>44</sup> A influência do Brasil sempre foi exercida de maneira branda, através de elementos culturais, até o a ditadura militar brasileira, notável por ser bastante repressiva, utilizou os elementos culturais para exercer domínio até de maneira interna.

---

44 SOREANO PECEQUILO, Cristina. **Introdução às relações internacionais**: temas, atores e visões. Petrópolis: Vozes, 2004.

Quando o golpe de Estado ocorreu em 1964 o futebol já era há bastante tempo uma importante instituição social brasileira, a seleção nacional já era uma das mais fortes do mundo, na altura que os militares deram o golpe, o time nacional já vinha da conquista das últimas duas copas do mundo - 58 e 62.

A seleção já era um elemento bastante importante da identidade nacional brasileira, os dois títulos mundiais haviam consolidado essa imagem da seleção, as vitórias de 58 e 62 foram importantes elementos para elevar a autoestima do povo brasileiro. Nos anos 50 as “marchinhas de carnaval” eram muito populares, com o título mundial da seleção brasileira, uma célebre marchinha foi composta e serviu de tema para as comemorações, a canção “A taça do mundo é nossa” foi composta por 4 publicitários, sendo eles Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô:

A taça do mundo é nossa

Com brasileiro não há quem possa

Êh eta esquadrão de ouro

É bom no samba, é bom no couro

A taça do mundo é nossa

Com brasileiro não há quem possa

Êh eta esquadrão de ouro

É bom no samba, é bom no couro

O brasileiro lá no estrangeiro

Mostrou o futebol como é que é

Ganhou a taça do mundo Sambando com a bola no pé

Goool!

A taça do mundo é nossa

Com brasileiro não há quem possa

Êh eta esquadrão de ouro

É bom no samba, é bom no couro  
 O brasileiro lá no estrangeiro  
 Mostrou o futebol como é que é  
 Ganhou a taça do mundo Sambando com a bola no pé  
 Gooool!<sup>45</sup>

A música foi um enorme sucesso nas comemorações da conquista, a melodia e a letra possuem elementos bastante simples, mas de bastante destaque dentro do tema aqui tratado. A estrofe que diz “O brasileiro lá no estrangeiro mostrou o futebol como é que é, ganhou a taça do mundo sambando com a bola no pé”<sup>46</sup> mostra importantes aspectos de orgulho nacional. A letra destaca a qualidade e superioridade dos brasileiros entre os outros povos de outras nacionalidades dentro do futebol, sendo claramente uma maneira de afirmar com grande convicção o aumento da autoestima dos brasileiros devido as vitórias da seleção. A música foi relançada com o bicampeonato do Brasil na copa do mundo do Chile em 1962. Foi exatamente nesse contexto que os militares assumiram o Brasil em 1964, seria até o natural o regime se apropriar do esporte.

O futebol foi uma das ferramentas utilizadas pelo regime militar para exaltar o nacionalismo brasileiro. No mandato do presidente Médici a seleção brasileira recebeu grande atenção por parte do governo, a ideia era utilizar as vitórias do time nacional para exaltar o Brasil e conseqüentemente seu governo.<sup>47</sup> O intuito era associar ainda mais uma instituição vencedora com a capacidade de vencer do povo brasileiro, a seleção brasileira recebeu grande estrutura e apoio, isso aliado à uma geração de futebol considerada a melhor da história do Brasil, fez o Brasil chegar ao México para a disputa da copa de 1970 com grande favoritismo.

---

45 VAGALUME. **A Taça do Mundo É Nossa**. Compositor: Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho, Victor Dagô. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ivo-meirelles-funkn-lata/a-taca-do-mundo-e-nossa.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

46 Ibidem., loc. cit. Acesso em 16 mar. 2017.

47 GUTERMAN, Marcos. Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**. São Paulo, v.1, n.29, p.267-280, 2004.

Durante a Copa de 70, no Brasil a ideia de representação pela seleção prevaleceu, as propagandas citavam “a pátria de chuteiras”, a música que se tornou hino da campanha naquela copa foi à canção “pra frente Brasil”, em tom bastante ufanista a letra da música exalta a união de toda a população brasileira em apoiar a seleção, a ideia de coletivismo é bastante utilizada na canção:

Noventa Milhões em Ação

Pra Frente Brasil

Do Meu Coração

Todos juntos vamos

Pra Frente Brasil

Salve a Seleção!

De repente é aquela corrente pra frente

Parece que todo Brasil deu a mão

Todos ligados na mesma emoção

Tudo é um só coração

Todos juntos vamos

Pra frente Brasil! Brasil!

Salve a seleção!<sup>48</sup>

---

48 VAGALUME. **Pra Frente Brasil**. Compositor: Miguel Gustavo. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

Antes do torneio, que foi realizado no México, o treinador da seleção brasileira era o jornalista João Saldanha. Saldanha foi demitido sob circunstâncias não muito esclarecidas, chegou-se a dizer que a razão pela qual o jornalista perdeu o posto foi devido ao fato de o mesmo não convocar alguns jogadores que o presidente Médici queria, entre eles o atacante Dadá Maravilha, do Clube Atlético Mineiro. No entanto as razões por trás da demissão do treinador pouco tempo antes da copa de 70 parecem ter sido por uma razão mais óbvias, a política.

João era um militante fervoroso do Partido Comunista Brasileiro, o “Partidão”, Saldanha militou pelo partido até a sua morte. O regime, de caráter conservador de direita, temia que um homem tão ligado aos ideais de esquerda fosse o treinador responsável por buscar o tricampeonato mundial no México.<sup>49</sup> Para o lugar de Saldanha foi escolhido o ex-jogador Mário Jorge Lobo Zagallo, que nunca se envolveu muito com assuntos políticos, já era uma figura bastante influente e respeitada dentro do futebol. Zagallo se tornaria o primeiro homem a ser campeão da copa do mundo como jogador e treinador, ele também decidiu não desafiar o presidente e convocou Dadá Maravilha para a copa.

O regime militar fez de tudo para relacionar o tricampeonato no México a sua imagem, os meios de comunicação tiveram uma imensa participação, o presidente Médici buscava se exibir como um grande entusiasta do esporte. Em 11 de junho o embaixador da Alemanha Ocidental no Brasil foi sequestrado pelos grupos guerrilheiros “Ação Libertadora Nacional” e “Vanguarda Armada Revolucionária, o fato ocorreu em meio ao clima de euforia que o país estava mergulhado devido a copa, os grupos guerrilheiros pediam a liberação de presos políticos.

O regime sugeriu que os jogadores da seleção brasileira concentrada no México ficaram bastante abalados com a notícia do sequestro, isso supostamente poderia afetar o desempenho dos jogadores dentro de campo. O governo buscava o apoio da população, que não queria ver a derrota da seleção.<sup>50</sup>

---

49 O GLOBO. **João Saldanha sai após ‘peitar’ Médici e não convocar Dario para Copa de 70.** Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/joao-saldanha-sai-apos-peitar-medici-nao-convocar-dario-para-copa-de-70-11811737>. Acesso em 04 jul. 2017.

50 MAGALHÃES, Livia Gonçalves. op. cit., p. 69.

A copa de 1970 aconteceu exatamente no auge da ditadura, o período ficou conhecido como “os anos de chumbo”, o clima de euforia causado pela copa contrastava com as torturas nos porões dos órgãos de repressão. Muitos opositores do regime lamentavam a maneira como o regime se apropriava de um elemento como o futebol, uma instituição social tão importante para os brasileiros, uma tática no mínimo covarde, pois o sucesso do time canarinho seria utilizado como propaganda. Se opor ao regime era algo bastante difícil, o período dos “anos de chumbo” foi justamente o mesmo período do “milagre econômico”, foi a época que o regime atingiu a sua maior popularidade.

A ditadura não utilizou somente a seleção brasileira, o regime incentivou a criação do campeonato brasileiro em 1971. A estratégia era fortalecer o regime politicamente em todas as regiões do Brasil, principalmente onde o partido do governo não era tão forte, daí veio a célebre expressão: “Onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional”. No fim da década de 70 o campeonato brasileiro já tinha 94 times de todas as regiões do Brasil.<sup>51</sup>

No final da década de 70 o regime militar já havia entrado em decadência, como as estratégias relacionadas ao futebol haviam sido bem sucedidas, o regime buscou aumentar cada vez mais a sua força dentro do esporte. João Havelange, o presidente da CBD foi afastado da entidade em 1975, ele foi eleito presidente da FIFA no ano anterior, quem substituiu Havelange no comando da CBD foi um militar, o almirante Heleno Nunes, o governo tinha o futebol sob seu controle quase que diretamente. A ditadura buscou se associar fortemente ao futebol nas copas de 74 e 78, mas a seleção brasileira acabou desclassificada precocemente em ambos os torneios.

O regime acabou em 1985 com a eleição do civil Tancredo Neves para o cargo de presidente da república, o Brasil passou por grandes transformações, o futebol também passou. Na mesma década importantes jogadores brasileiros tiveram voz ativa em assuntos políticos, entre os quais se destacava o meio-campista Sócrates, ícone do movimento denominado “Democracia Corinthiana”, o jogador também participou da campanha das “diretas já”.

---

51 FAVERO, Paulo Miranda. **Os dois Brasis**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/os-dois-brasis/>. Acesso em 22 abr. 2017.

### 3.3 Espanha: futebol, política e nacionalismos

A Espanha é um exemplo bastante clássico de um Estado multinacional, com nacionalismos regionais muito fortes internamente, esse ambiente motiva políticas nacionalistas a serem adotadas por instituições da sociedade civil em uma lógica praticamente construtivista. Ao tentar padronizar o país sob um regime de nacionalismo castelhano, constringendo as outras nacionalidades internas, o regime franquista motivou justamente o contrário.<sup>52</sup>

Comunidades como a Catalunha e o País Basco se revoltaram bastante, fortalecendo ainda mais o nacionalismo das respectivas regiões, algo presente até hoje, a questão da independência da Catalunha por exemplo é ainda uma pauta bastante atual. No País Basco o nacionalismo é bastante forte também, existindo vários movimentos pró-independência, o ETA talvez seja o mais conhecido deles, principalmente por seu radicalismo histórico. Em março de 2017 o ETA anunciou o "desarmamento total e sem condições" em 2017.<sup>53</sup>

Várias instituições esportivas no território espanhol reforçam tendências nacionalistas, em graus diferentes de intensidade. Futebol, política e questões nacionalistas são temas que caminham juntos no país.

Um grande exemplo de clube que representa uma nação é o Barcelona, um clube extremamente tradicional e vencedor. O Barcelona é bastante reconhecido por sua identidade catalã, as cores da bandeira da região estão no escudo do clube e também presente nos uniformes. O Camp Nou, Estádio dos culés, é palco para várias manifestações pró-Catalunha,

---

52 FIGOLS, Victor de Leandro. **Futebol e Política: Os fascistas querem a bola**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-e-politica-os-fascistas-querem-a-bola/>. Acesso em 22 abr. 2017.

53 O GLOBO. **Grupo separatista basco ETA entrega suas armas e Espanha e França**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/grupo-separatista-basco-eta-entrega-suas-armas-espanha-franca-21181777>. Acesso em 22 abr. 2017.

o lema do clube é a frase “més que un club”, ressaltando que o Barcelona é uma instituição que excede o mundo futebolístico.

Na ditadura de Franco, o governo tentou homogeneizar o país, impondo a cultura e o idioma da região de Castela para o restante do território, as medidas foram bastante duras. Na Catalunha os cidadãos passaram a ser bastante reprimidos caso demonstrassem algum traço catalão em suas manifestações, foi nesse contexto que o Barcelona ganhou um papel de destaque na luta contra essa repressão.

Os jogos da equipe passaram a ter protestos e manifestações de identidade catalã constantemente, nesse período se intensificou a rivalidade com o time madrilenho e castelhano Real Madrid. Para os torcedores, o Barcelona representava a Catalunha e o Real Madrid a região de Castela, então a rivalidade se expandiu para questões políticas e nacionalistas, até os dias de hoje esse espírito permanece, principalmente com o crescente movimento pró-independência da Catalunha.

Por motivos quase idênticos aos do Barcelona, o clube Athletic de Bilbao é um grande representante do País Basco, é como uma versão basca do Barcelona, essa equipe também é extremamente tradicional e vai ainda além, só permite que jogadores nascidos ou desenvolvidos no país Basco vistam a sua camisa.

Hobsbawm ha sugerido que lo que hizo del fútbol un medio eficaz para inculcar sentimientos nacionales fue la facilidad con que los individuos podían identificarse con la nación “tal como la simbolizan unas personas jóvenes que hacen de modo estupendo lo que prácticamente todo hombre quiere o ha querido hacer bien alguna vez en la vida” (1990: 152-153). La comunidad imaginada de millones de seres parecía más real bajo la forma de un equipo de once personas cuyo nombre era conocido (Anderson, 1996).

Tras el periodo entre las dos guerras mundiales, el fútbol se convirtió en un espectáculo de masas en el que se enfrentaban personas y equipos que simbolizaban Estados-nación (Hobsbawm, 1990: 151). Se desarrollaron los estilos nacionales del juego y el fútbol se convirtió en escenario privilegiado para dotar de sentido al patriotismo. Así, el fútbol adquiría unos contornos nacionales que finalmente iban a inspirar los patrones de su organización competitiva. El Estado-nación se convirtió en la unidad de organización del fútbol (Giulianotti, 1999: 32). Este ensamblaje entre fútbol y nacionalismo es claramente reconocible en el marco en que, desde un

principio, se organizó el fútbol. La FIFA se organizó como una institución internacional que agrupaba expresamente a federaciones nacionales. Así, contribuía con ello al proceso de nacionalización del fútbol, no sólo al dedicarse a regular la práctica del fútbol a escala mundial, sino también al dedicarse a organizar encuentros entre selecciones nacionales.

En este proceso de nacionalización del fútbol, los medios de comunicación desempeñaron un papel fundamental fortaleciendo la construcción de un imaginario nacional común.

Como espectáculo de masas, el fútbol se constituyó en una esfera pública ritualizada, en la que se generaban representaciones acerca de lo nacional. Los medios de comunicación, organizados con patrones nacionales, a menudo han actuado como adalides del nacionalismo. Con el tiempo, en la mayor parte de países de Europa y América Latina el fútbol adquirió el carácter de tradición nacional, y los encuentros de sus selecciones nacionales se convirtieron en acontecimientos simbólicos de implicaciones políticas. Tras ser apropiado como tradición, el fútbol se convertiría en un elemento útil para estimular la integración simbólica nacional: un vehículo para la conformación de comunidades imaginadas. (Anderson, 1996).<sup>5455</sup>

---

54 GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol -la dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología(Ris)**. Vol. LXIV, nº 45, Septiembre-Diciembre, 37-66, 2006.

55 “Hobsbawm tem sugerido que o que fez do futebol um meio eficaz de inculcar sentimentos nacionais foi a facilidade com que os indivíduos poderiam se identificar com a nação”, como o simbolizam alguns jovens que fazem tão grande que praticamente todo homem quer ou queria sempre fazer bem na vida "(1990: 152-153) .A imaginada comunidade de milhões de pessoas parecia mais real na forma de uma equipe de onze pessoas cujo nome era conhecido (Anderson, 1996). Após o período entre as duas guerras mundiais, o futebol tornou-se um espetáculo de massa na qual indivíduos e equipes simbolizando os Estados-nação (Hobsbawm, 1990: 151) estavam enfrentando. estilos nacionais de jogo foram desenvolvidos e futebol tornou-se palco privilegiado para fazer o sentido de patriotismo. Assim, o futebol assumiu uma contornos nacional que acabaria por inspirar os padrões de sua organização competitiva. O Estado-nação tornou-se a unidade de organização do futebol (Giulianotti, 1999: 32). Este conjunto entre o futebol e nacionalismo é claramente reconhecível dentro disso, desde o início, o futebol foi organizado. FIFA foi organizado como uma instituição internacional que agrupava federações expressamente nacionais. Assim, contribuindo assim para o processo de nacionalização de futebol, não só por se envolver em prática regular de futebol em todo o mundo, mas também para se envolver na organização de encontros entre equipas nacionais. Neste processo de nacionalização de futebol, o desempenho não tem um papel fundamental através do reforço da construção de um imaginário nacional comum. Como entretenimento de massa, o futebol foi formada em uma esfera pública ritualizada, em que representações foram gerados cerca de nacionalidade. comunicação, organizado com as normas nacionais, muitas vezes agiram como defensores do nacionalismo. Eventualmente, na maioria dos países da Europa e América Latina de futebol adquiriu o carácter de tradição nacional, e reuniões de suas equipes nacionais tornaram-se eventos simbólicos com implicações políticas. Depois de ser apropriada como a tradição, o futebol se tornaria um elemento útil para estimular a integração simbólica doméstica um veículo para a criação de comunidades imaginadas. (Anderson, 1996)”.

O sociólogo espanhol Ramón Llopis Goig fala bastante sobre as identidades nacionais no meio futebolístico, por ser da Espanha, possui grande bagagem sobre o assunto, “Clubes y selecciones nacionales de fútbol (La dimensión etnoterritorial del fútbol español)” é um dos seus principais trabalhos no tema. Ramón cita autores como Hobsbawm e Benedict Anderson ao expor suas razões para considerar o futebol um importante meio da manifestação da identidade nacional.

### 3.4 Athletic Club Bilbao, o orgulho basco

Esse clube é provavelmente o mais radical entre os clubes espanhóis quando o assunto é nacionalismo, é uma instituição bastante ligada ao orgulho basco.

Ironicamente o clube foi fundado por operários ingleses que trabalhavam em estaleiros navais da cidade de Bilbao, esses operários britânicos eram principalmente das regiões de Southampton e Sunderland, daí foram escolhidas as cores vermelha e branca do clube, pois os times dessas cidades inglesas utilizavam e utilizam até hoje uniformes nessas cores.

O Athletic só aceita que jogadores de origem basca joguem pela equipe, a camisa do clube carrega a bandeira basca, conhecida como “ikurriña”. Muitas vezes o uniforme da equipe é nas cores bascas. A exigência da nacionalidade basca não se estende até os membros da comissão técnica ou alguns cargos da diretoria, apesar de geralmente esses cargos na prática sejam ocupados por bascos na maioria das vezes.<sup>56</sup>

Fatores assim fazem do Athletic o clube espanhol de futebol considerado mais radical em relação ao nacionalismo, essa política do clube contrasta ainda mais quando o clube enfrenta as outras equipes pelo campeonato espanhol, que é globalizado há muito tempo com

---

56 VAZA, Marco. **Ainda há clubes no mundo que só aceitam jogadores do “seu” país**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/12/26/desporto/noticia/ainda-ha-clubes-no-mundo-que-so-aceitam-jogadores-do-seu-pais-1578632>. Acesso em 06 jun. 2017.

jogadores de diversas nacionalidades atuando. Em teoria o Athletic sairia em desvantagem com as outras equipes devido a política interna de somente jogadores bascos atuarem, pois o número de jogadores aptos a vestir a camisa do clube é muito menor em relação aos outros clubes da liga, mas o clube segue firme com a política, respaldada por um desempenho razoável dentro de campo. O clube é bastante respeitado dentro do futebol espanhol, possui conquistas nacionalmente expressivas e é um dos únicos 3 clubes da primeira divisão a nunca ter disputado divisões inferiores.

O clube é bastante admirado por seus torcedores devido ao orgulho basco, quem vê o clube de fora o enxerga como uma espécie de “seleção basca”, é bastante comum o estádio do clube virar palco de manifestações pró-independência da região. O clube por não ter muitas opções de contratar jogadores devido a restrição, investe bastante nas suas equipes jovens, muitos jovens bascos jogam pelo clube e sonham em um dia chegar ao time adulto, ato que é visto como um símbolo de orgulho para as diversas famílias e até como uma autoafirmação do orgulho basco, por representar uma instituição tão ligada ao nacionalismo da região.

Um clube tão exigente e “protecionista” parece se localizar a margem da globalização, mas ainda assim ela chegou ao clube de uma maneira ainda que tímida e de forma indireta. Em 2015 o jogador Iñaki Williams se tornou o primeiro negro a marcar um gol pela equipe, Iñaki é nascido na cidade de Bilbao, filho de pais africanos, atualmente ele é uma das principais estrelas da equipe.<sup>57</sup>

O Athletic é o clube mais radical atualmente, mas não é o único que agrega o orgulho basco, outras equipes bascas como Real Sociedad e Eibar também adotam vários aspectos desse orgulho, seja entre os seus torcedores como também em seus próprios uniformes, que carregam a bandeira basca, o que os difere do Athletic é o fato de aceitarem jogadores que não sejam bascos nas suas respectivas equipes, ainda que o Real Sociedad também já tenha adotado uma política igual à do Athletic no passado.

Sociedad e Athletic são os maiores clubes da região basca, o confronto das duas equipes possui muita rivalidade esportiva, mas fora de campo ambos os clubes e suas respectivas torcidas já desafiaram o regime franquista em nome do orgulho basco, o célebre

---

57 VAZA, Marco. op. cit., loc. cit. Acesso em 06 jun. 2017.

episódio aconteceu em 1976. Em 5 de dezembro de 1976, poucos meses após a morte do general Franco, os jogadores do Athletic e do Real Sociedad entraram em campo carregando a bandeira do País Basco, um gesto proibido pelas autoridades do governo central.<sup>58</sup>

Foi um passo importante que ajudou à legalização final da ikurriña. Primeiro foi permitida e logo depois legalizada. Houve dúvidas, sem que se soubesse como iriam reagir e o que se iria passar, mas sempre nos pareceu impossível que algo pudesse ser feito a duas equipas inteiras de renome. Foi como um impulso final.<sup>59</sup>

A bandeira entrou no estádio escondida em meio aos materiais esportivos, no momento em que os jogadores Iribar e Kortabarría entraram em campo carregando a bandeira, os jogadores a rodearam no círculo central, as pessoas presentes no estádio ficaram bastante surpreendidas e ambas as torcidas vibraram muito com o gesto dos jogadores, pouco tempo depois a bandeira foi legalizada e permitida, a partida serviu como um grande impulso para a utilização dos símbolos bascos pela população, era o futebol servindo como um dos veículos de afirmação da identidade nacional basca.

### 3.5 FC Barcelona, o orgulho catalão

---

58 EL PAÍS. **El derbi vasco de la ikurriña**. Disponível em: [https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636\\_247607.html](https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636_247607.html). Acesso em 06 jun. 2017.

59 STEIN, Leandro. **O dia em que Athletic Bilbao e Real Sociedad desafiaram as autoridades em prol do orgulho basco**. Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/o-dia-em-que-athletic-bilbao-e-real-sociedad-desafiaram-as-autoridades-em-prol-do-orgulho-basco/>. Acesso em 08 jun. 2017.

Um dos maiores clubes de futebol do planeta é antes disso um dos símbolos do nacionalismo catalão, o clube é uma espécie de paradoxo hoje em dia quando o assunto é orgulho local. Ao mesmo tempo em que o clube carrega toda uma carga histórica de orgulho catalão, símbolos e afins, a instituição é hoje uma marca global, com milhões de admiradores espalhados por todo o planeta, grande parte dessas pessoas são alheias ao nacionalismo catalão, mas localmente o clube ainda representa muita coisa nesse sentido.

O envolvimento do clube com a identidade catalã começou muito cedo, com seus primeiros dirigentes sendo bastante adeptos do movimento chamado *catalanismo*, que era justamente um conjunto de valores nacionalistas que defendia uma Catalunha livre. O nacionalismo catalão era visto com certa desconfiança pelas massas, pois a classe trabalhadora da Catalunha era majoritariamente entusiasta de ideais anarquistas. O esporte, principalmente o futebol, que era um esporte de massas, teve um papel considerado importante no processo de popularizar o nacionalismo catalão entre a classe trabalhadora. O nacionalismo catalão tinha uma ideia muito forte de cidadania, esses dois conceitos para os *catalanistas* eram ligados pelo esporte.<sup>60</sup>

O militar Miguel Primo de Rivera liderou um golpe e assumiu o governo espanhol em 1923, ele não enxergava os nacionalismos históricos com bons olhos, pois era de sua vontade construir uma unidade nacional na plurinacional Espanha. No contexto da ditadura de Rivera, o FC Barcelona foi se colocando cada vez mais como um expoente da Catalunha, isso aconteceu de uma maneira até natural, pois os dirigentes estimulavam bastante o orgulho catalão no ambiente do clube.

A existência de manifestações de *catalanismo* chegou aos ouvidos de autoridades leais ao governo de Rivera, que forçaram a suspensão das atividades do clube por tempo indeterminado, então o FC Barcelona sofreu sua primeira represália por ser um ícone da Catalunha. O clube foi autorizado a funcionar novamente em poucos meses devido aos contatos do novo presidente da instituição, mas o fechamento foi algo bastante simbólico e um marco na construção do ícone que o Barcelona se tornaria. A ditadura de Primo de Rivera

---

<sup>60</sup> FIGOLS, Victor de Leonardo. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. **Projeto História**. São Paulo, n.49, 2014.

foi bastante leve com os nacionalismos históricos no território espanhol se comparada à ditadura de Francisco Franco que viria alguns anos depois.

Primo de Rivera perdeu bastante força e influência política, renunciou em 1930, sendo sucedido pelo general Dámaso Berenguer, iniciando o período conhecido como “Segunda República Espanhola”, época que antecedeu a brutal guerra civil. Durante a Segunda República os nacionalismos não foram tão perseguidos ou duramente combatidos, na verdade houve um certo afrouxamento das políticas antinacionalistas, o governo autorizou e garantiu a autonomia política de algumas regiões espanholas, entre elas o País Basco e a Catalunha.

A guerra civil foi um período duro e bastante caótico em todos os segmentos da sociedade civil espanhola, isso se refletiu no esporte e os anos de guerra foram sem jogos oficiais, as únicas partidas eram amistosas e beneficentes com o intuito de arrecadar fundos para ajudar as vítimas do conflito interno, o FC Barcelona lutou apenas para existir e sobreviver ao período, isso aconteceu.

Com o fim da guerra em 1939 veio também a consolidação do golpe empreendido pelo general Francisco Franco, a ascensão do franquismo foi um rude golpe no nacionalismo catalão, que se desenvolveu livremente durante a segunda República. No mesmo ano Franco proibiu quaisquer manifestações nacionalistas que não fossem castelhanas, isso incluía até mesmo os idiomas, os catalães foram proibidos de se expressar no seu próprio idioma. O governo central enxergava nas manifestações regionais algo ameaçador a unidade nacional espanhola, as considerava também como ideais esquerdistas.

As medidas do governo acabaram por empurrar o nacionalismo catalão para as multidões, também transformou o futebol em um ambiente extremamente politizado, o FC Barcelona se firmou como um ícone da identidade nacional catalã, nesse período se intensificou a rivalidade com o Real Madrid, se transformando numa das maiores dentro do esporte até os dias de hoje. Na época o estádio do clube ainda não era o atual, o imponente Camp Nou, mas sim o estádio Camp de les Corts, na mesma região. O estádio era um ambiente bastante democrático e capaz de juntar multidões de trabalhadores, nesse ambiente as pessoas podiam se expressar em catalão sem muita preocupação, tinham também bem mais liberdade de fazer manifestações de orgulho catalão.

No ano de 1943 o Barcelona e o Real Madrid disputaram a semifinal da copa nacional, esse jogo foi um marco e reforçou a grande rivalidade entre ambas as equipes. A primeira partida foi disputada no estádio do Barcelona, a equipe catalã em uma soberba exibição venceu a partida por um placar de 3x0 e assumiu o favoritismo para garantir a vaga na final do torneio, mas alguns eventos antes do jogo de volta em Madrid mudaram drasticamente a situação do confronto. Por ser uma equipe castelhana, o Real Madrid sofreu algumas hostilidades por parte da torcida catalã em Barcelona, Francisco Franco era torcedor do Real Madrid e o seu regime privilegiaria a equipe por considera-la uma representante no campo esportivo da ideia de unidade nacional espanhola, se opondo aos nacionalismos regionais de equipes como o Athletic Club no País Basco e do próprio Barcelona na Catalunha. O clima da partida de volta foi extremamente hostil ao FC Barcelona, o clube foi bastante pressionado pelo regime e até mesmo pelo árbitro da partida, a consequência foi um vexatório 11x1 a favor do Real Madrid no placar, eliminando o clube catalão da competição.

Durante a ditadura Franquista o FC Barcelona sofreu alterações em seu emblema e até no próprio nome. A ditadura acabou por estimular o crescimento do Barcelona como ícone catalão, foi durante o período que o clube se tornou uma espécie de time nacional, nesse contexto também nasceu o lema “*més que um club*”, criado pelo dirigente Narcís de Carreras. Os anos de Franquismo tornaram o futebol bastante politizado, o que acontecia dentro de campo era apenas uma pequena parte dentro desse universo conturbado.

Os estádios ajudam a construir e a reforçar a identidade clubística, mas do que isso, toda vez que um torcedor vai a um estádio, a relação do torcedor com o clube é renovada. No caso do FC Barcelona, os estádios tiveram papel importante na construção, não apenas de uma identidade clubística, mas também de uma identidade catalã. Foi no ambiente dos estádios que as manifestações a favor da Catalunha tiveram espaço, principalmente nos períodos mais duros da vida política espanhola. Também foi nos estádios que a relação entre torcedor e clube se consolidou. Tais relações podem ser interpretadas a partir da ideia de representação.

Na década de 70, no final do período Franquista o Barcelona voltou a se chamar *Football Club Barcelona*, retirando o *Club de Fútbol* que havia sido imposto pelo regime de Franco. O clube contratou o holandês Johan Cruyff, considerado um dos melhores futebolistas

e mais influentes futebolistas da história. O craque neerlandês adquiriu grande identificação com o clube e a Catalunha, se tornou um dos grandes expoentes do *catalanismo*, tinha grande influência e era um grande ídolo do futebol mundial. Com a liderança de Cruyff o clube conquistou o campeonato espanhol em 1974 sobre o Real Madrid com um 5x0 em plena casa do adversário, o icônico estádio Santiago Bernabéu.

Diferentemente do Athletic Club de Bilbao que é do País Basco, o Barcelona não divide tanto com outras equipes a carga de forte identidade nacional, pois é disparadamente o clube mais expressivo da Catalunha, o outro clube com certa expressão é o Espanyol, também da cidade de Barcelona, mas como o próprio nome do clube sugere, a instituição fica afastada do nacionalismo catalão. O Barcelona tem grandes ídolos estrangeiros na sua história, mas isso não impede que o clube seja recheado de jogadores catalães, que quase sempre formam a maior parte do elenco, isso pode ser ofuscado pelo fato dos estrangeiros sempre ter chamado atenção, mas quase sempre eles dividiam espaço com catalães.

Atualmente o debate em relação a independência da Catalunha é bastante presente, a instituição, no entanto apesar de ser um gigantesco símbolo catalão, prefere ficar neutra, pois a independência da Catalunha poderia trazer grandes prejuízos financeiros ao clube, ao mesmo tempo em que é impossível negar toda a carga histórica e ser contra a independência.

### **3.6 Real Madrid, o franquismo e a identidade castelhana**

O Real Madrid foi fundado em 1902 e é considerado por muitos como o maior clube do mundo, extremamente bem-sucedido dentro de campo, é bastante conhecido em todo o planeta. O Real Madrid há muito tempo é associado a ditadura do general Francisco Franco, há várias evidências que indicam que isso realmente aconteceu.<sup>61</sup>

---

61 CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid, ¿"Equipo del Régimen"? Fútbol y política durante el Franquismo. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.14, 2010.

A relação entre o Franquismo e o Real Madrid começou na década 1950, quando o clube chamou atenção do regime com algumas conquistas importantes. Nessa época o presidente do clube era Santiago Bernabéu, que havia lutado na guerra civil pelo lado das tropas franquistas, fato que naturalmente aproximou o clube do regime. A influência e prestígio do presidente do clube com o governo garantiu várias facilidades ao Real Madrid, como a construção do estádio Chamartín, que atualmente leva o nome de Bernabéu, o estádio teria sido construído com dinheiro público, mesmo com todas as dificuldades que o país passava após o fim da guerra civil.

O regime confiava na capacidade que o esporte tinha de arrebatando multidões de aficionados e gostaria de utilizar isso como uma ferramenta política. O principal objetivo do regime era fortalecer uma unidade nacional espanhola em torno do nacionalismo catalão, o Real Madrid representaria esses elementos.

O Real Madrid contratou o maior ídolo de sua história em 1953, o craque argentino Di Stéfano chegou ao clube após uma polêmica negociação que envolveu o rival Barcelona. Com Di Stéfano e o apoio do regime, o clube deu um gigantesco salto para se tornar uma instituição com grandes êxitos esportivos. Na década de 50 vieram 4 campeonatos espanhóis de maneira seguida, o clube também foi campeão europeu 4 vezes de maneira consecutiva, começou então uma grande hegemonia merengue não só dentro da Espanha como na Europa, o clube virou sinônimo de vitórias e futebol bem jogado, o objetivo do regime tinha sido atingido. O clube também fez várias excursões pelo planeta, dessas excursões vieram embates com equipes históricas como o Benfica de Eusébio e o Santos de Pelé.

O clube cresceu bastante durante a ditadura até se tornar o gigante hoje conhecido. O general era torcedor da agremiação e o seu regime teria dado suporte ao clube, construindo o Estádio da equipe e dando grande apoio financeiro. O regime enxergou no Real Madrid a possibilidade de representar a força do governo central também no meio futebolístico, esporte de grande prestígio dentro da Espanha. O Real Madrid seria uma tentativa de emular na capital a paixão atrelada ao nacionalismo que caracterizava as equipes do Athletic de Bilbao no País Basco e o Barcelona na Catalunha.

Por ser um regime totalitário, o governo espanhol conseguia facilmente influenciar decisões em várias esferas da sociedade.

### **3.7 Outros casos de identidade nacional no futebol: México, Chivas Guadalajara**

Quando se associa orgulho nacional com clubes de futebol, as agremiações espanholas são normalmente destacadas, isso se deve aos motivos históricos aos marcantes conflitos internos entre as nações da Espanha, mas há um grande número de clubes fora do país ibérico que também se identificam com alguma nacionalidade, na América Latina se destaca o Club Deportivo Guadalajara, o Chivas, um clube considerado mais nacionalista até do que a própria seleção mexicana.

O Chivas foi fundado em 1906 por um belga chamado Edgar Everaert. O clube é uma agremiação mexicana bastante tradicional, possui uma das maiores torcidas do México e do Mundo, estima-se que haja mais de 30 milhões de torcedores que têm o Chivas como clube do coração. Os *rojiblanco*s, como a torcida chama o clube, já conquistaram o campeonato mexicano 12 vezes, a equipe também já se sagrou campeã da América do Norte, Central e Caribe em uma oportunidade.

O material bibliográfico acerca do clube e da sua relação com a identidade nacional mexicana não é tão farto, no idioma português praticamente inexistente, mas com certeza é correto afirmar que o clube é tão identificado com sua nação quanto os outros citados.

O clube mexicano possui uma política bastante parecida com a do clube basco Athletic Bilbao, só joga pelo Chivas quem for mexicano. A regra do Chivas é ainda mais rígida que a do Athletic, a equipe de Guadalajara não aceita jogadores que sejam naturalizados mexicanos ou até mexicanos que representem outras seleções. Por estar inserido em um contexto diferente do espanhol, a política do Chivas tem sido questionada por alguns veículos de

imprensa mexicanos e até por parte da torcida, os últimos resultados da equipe não têm agradado.

Em 2010 o Chivas jogou a final da Libertadores da América contra a equipe brasileira do Internacional, a política nacionalista do clube chamou atenção de alguns veículos de imprensa brasileiros, o treinador da equipe na época afirmou na ocasião que o clube era “nacionalista” e acreditava que um time formado apenas por jogadores locais seria plenamente capaz de vencer um adversário tão forte quanto o clube brasileiro.

A agremiação depende bastante das suas categorias de base, isso é natural numa equipe formada por jogadores locais. Jorge Vergara, presidente do clube, até contratou a lenda holandesa Johan Cruyff para implantar o bem sucedido método barcelonista de categorias de base, como uma maneira de produzir os melhores jogadores locais.

A equipe encarou um período bastante difícil dentro de campo, quase caindo da divisão de elite do futebol local. Os clubes mexicanos de uma maneira geral possuem boa capacidade financeira, talvez sejam as equipes com maior poder econômico da América Latina junto com os clubes brasileiros. Os rivais do Chivas utilizam o poder financeiro para contratar vários jogadores estrangeiros renomados, principalmente atletas sul-americanos, essas equipes têm conseguido obter certo sucesso nas competições que disputam, fazendo com que a imprensa esportiva questione cada vez mais se vale a pena manter a política nacionalista,

Existe uma obra muito interessante acerca da história e conseqüentemente sobre a identidade do Chivas, é o livro "Lo sagrado del rebaño: El fútbol como integrador de identidades", do antropólogo mexicano Andrés Fábregas Puig. Andrés fala com entusiasmo sobre a identidade do Chivas em sua obra:

[...] Outra característica que hace al Guadalajara ampliamente popular es su función como símbolo de identidad, lo que está ligado con el hecho de que solo contrate jugadores mexicanos. El equipo integra a sua alrededor una identificación social que adquiere su más intensa manifestación el día em que se celebran los partidos. Em otras palabras, para el aficionado, el equipo Guadalajara es um símbolo tangible

de hermandad nacional, de la fraternidade surgida del hecho de compartir el país de nacimiento. Al mismo tiempo, el conjunto chiva es un factor de integración para aquellos que identifican “lo mexicano” con lo que aquél representa, incluyendo, por cierto, las raíces culturales.<sup>62</sup><sup>63</sup>

Andrés Fábregas Puig também explica que o Chivas representa a “contradição” centro-periferia dentro do México. O antropólogo considera essa “contradição” como um elemento arraigado na cultura mexicana. O Chivas possui uma acesa rivalidade com o América, clube da capital mexicana. A rivalidade entre os dois clubes possui um ar bairrista, para um fã do Chivas, derrotar o América significa derrotar o domínio do centro, Andrés Puig explana que os torcedores do América sentem muito uma derrota para o Chivas, caso o resultado seja a favor do América, é como se a história se repetisse, “o centro dominando a periferia”<sup>64</sup>.

### 3.8 As seleções nacionais

O que poderia ser mais associado a identidade nacional do que um clube? Uma seleção nacional. Já foi citado como o futebol tem a capacidade de gerar identidades, da ideia de representação que esse esporte traz. Um clube pode representar nacionalidade, classe social,

---

62 PUIG, Andrés Fábregas. **Lo sagrado del rebaño, el fútbol como integrador de identidades**. 2010, p. 57-61. Disponível em: <https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2015/08/lo-sagrado-del-rebac3b1o.pdf>. Acesso em 18 jun. 2017.

63 “Outra característica que torna muito popular Guadalajara é a sua função como um símbolo de Identidade, que está ligado com que contratar apenas jogadores mexicanos. A equipe integra sobre a identificação social adquire o seu dia manifestação mais intensa nas partes são detidos. Outras Palavras eles, para amadores, a equipe de Guadalajara é hum símbolo tangível da fraternidade nacional, a Fraternidade surgiu a partir de compartilhar o país de nascimento. Ao mesmo tempo, o conjunto chiva é um fator de integração para aqueles que se identificam "o mexicano" com o que ele representa, inclusive para Certo, raíces culturais.”.

64 PUIG, Andrés Fábregas. op. cit., p. 58. Acesso em 18 jun. 2017.

etnia, cultura e afins. A representatividade pode nascer naturalmente ou ser forçada, a ideia de seleção nacional nasceu com a intenção de representar as identidades nacionais, em países em que o futebol é o maior esporte a seleção pode ser um motivo de grande orgulho nacional, é assim no Brasil.

A identidade nacional é mais fácil de ser representada pelas seleções, principalmente dos países que possuem uma noção consolidada de unidade nacional. É bastante comum cada seleção ser conhecida por uma identidade dentro do futebol, o Brasil, por exemplo, é reconhecido por jogar ofensivamente e possuir bons dribladores, isso é identidade. Times nacionais como os do Uruguai e Paraguai são conhecidos por ter uma identidade “guerreira” dentro de campo, um estilo de jogo no qual o esforço e determinação é a principal virtude dos futebolistas.

O primeiro jogo entre seleções nacionais ocorreu em 1872, quando Inglaterra e Escócia empataram em 0x0. Obviamente os primeiros torneios entre seleções ocorreram nas ilhas britânicas entre as nações constituintes do Reino Unido. A FIFA só foi fundada em 1904, os britânicos não participaram da criação da entidade. A criação da FIFA impulsionou a popularização do futebol fora do Reino Unido, a ideia era criar uma entidade que fosse neutra para administrar o futebol no mundo inteiro.<sup>65</sup>

A imensa maioria das seleções nacionais reconhecidas pela FIFA representam Estados nacionais, algumas localidades possuem seleções reconhecidas, como é o caso de Gibraltar, Porto Rico, Bermudas e outras mais. Existem algumas seleções que não são reconhecidas pela FIFA, normalmente representam Estados não reconhecidos e povos sem Estado, como é o caso da seleção basca, da seleção catalã, da seleção do Curdistão e várias outras.

A representatividade de uma seleção é muito maior quando a Nação representada possui uma unidade nacional sólida, em locais com grandes regionalismos a representatividade no futebol pode ser exercida por outras instituições, como é o caso da Espanha. O título mundial da seleção espanhola na copa de 2010 não comoveu a Catalunha e o País Basco de uma forma geral, na capital catalã o clima foi bastante frio no dia da final do

---

<sup>65</sup>FIFA.COM. **History of FIFA – Foundation.** Disponível em: <http://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/history/index.html>. Acesso em 19 jun. 2017.

torneio contra a seleção holandesa, os relatos são de um enorme clima de indiferença na cidade, algo que contrasta severamente com a atmosfera da região em dias de jogos decisivos do FC Barcelona, o verdadeiro representante futebolístico da Catalunha.

Nem mesmo o fato de a maioria do time titular ser composto por jogadores catalães fez com que a seleção espanhol obtivesse a simpatia do povo catalão, a instituição “seleção espanhola” já é um fator para a equipe não receber o apoio dos povos não castelhanos. Ao ser questionado por um jornalista do site esportivo brasileiro “globoesporte.com” se torceria para a seleção espanhola na final da copa de 2010, um homem galego fez a seguinte declaração:

Esta seleção representa a cultura que leva 500 anos tentando fazer desaparecer o meu idioma. A propósito, foi o que eles conseguiram com muitas outras línguas na América do Sul. A Galícia não é uma comunidade da Espanha, mas sim uma nação sem Estado colonizada pelo Estado espanhol. Eu gostaria de poder vibrar vendo os jogos da minha seleção, a galega (Manuel Villot, GLOBOESPORTE.COM, 09/07/2010).<sup>66</sup>

A sede da FIFA fica na cidade de Zurique, Suíça. A entidade possui 211 associações filiadas, havendo então mais membros que as Nações Unidas e o Comitê Olímpico Internacional. Essas 211 associações estão distribuídas em 6 confederações continentais. Todas as associações filiadas a FIFA disputam as eliminatórias da Copa do Mundo, o mais importante torneio de futebol que existe.

A Copa do Mundo FIFA acontece a cada 4 anos em um ou mais países sedes, 32 seleções nacionais jogam a competição no formato atual. O mundial de seleções é um evento bastante prestigiado, é notável como a competição mobiliza os habitantes dos países que participam, principalmente onde o esporte é mais popular, como o Brasil.

---

66 MARQUES, Edgar. **Nacionalistas catalães, galegos e bascos ignoram a seleção espanhola.** Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/espanha/noticia/2010/07/nacionalistas-catalaes-galegos-e-bascos-ignoram-selecao-espanhola.html>. Acesso em 10 jul. 2017.

Já foi citado que o futebol pode ser considerado um dos mais importantes elementos da identidade nacional brasileira, também já foi citado que a seleção brasileira é uma instituição extremamente prestigiada e carrega uma pesada carga de orgulho nacional, a copa do mundo é o momento mais notável nessa afirmação de brasilidade. A seleção do Brasil é a mais bem-sucedida equipe da história das copas do mundo, os 5 títulos mundiais são motivos de grande orgulho nacional.

Acompanhar a Copa do Mundo já faz parte da cultura do povo brasileiro, o clima em quase todas as cidades brasileira é de muita euforia, as cores da bandeira nacional são exibidas em todos os lugares, é correto afirmar que não existe outro momento que os símbolos nacionais são tão exaltados, nem mesmo em datas importantes como o dia da independência. A copa do mundo desperta na maioria das pessoas o sentimento de identidade nacional, a unidade nacional em torno da seleção brasileira é notável, brasileiros de todas as etnias, religiões e classes sociais entram no clima de orgulho nacional, mesmo que momentaneamente.

O Brasil é um país da periferia, já foi colônia e por muito tempo foi considerado uma nação subdesenvolvida, ou um país de “terceiro mundo”, por essas razões a autoestima do povo brasileiro sempre foi algo bastante frágil. A história da seleção brasileira vai na contramão de todos os fatores históricos citados anteriormente, as glórias da equipe tornam o Brasil em uma nação reconhecida pela maioria dos outros povos como o “país do futebol”, uma potência desse esporte e sinônimo de futebol bem jogado e de time vencedor. Como já citado exaustivamente, o futebol é o esporte mais popular do planeta, ser reconhecido como o país que melhor o pratica é motivo de sobra para elevar a autoestima de um povo.

Os brasileiros sempre tiveram muita dificuldade ao comparar o seu país com os países desenvolvidos, desenvolveu-se na sociedade brasileira uma visão de que a imensa maioria das coisas são melhores em outros países, no futebol essa realidade muda, pois dentro desse esporte o Brasil é colocado em pé de igualdade com os países de centro, isso quando não é considerado superior.

Além da copa do mundo, há também outras competições importantes no âmbito das seleções nacionais. Cada confederação continental organiza o seu torneio regional, essas

competições fomentam as rivalidades esportivas entre as seleções nacionais, vencer a copa continental é uma maneira de tornar uma seleção hegemônica em sua região. O grau de importância dado aos torneios continentais varia de continente para continente, os europeus por exemplo valorizam muito mais a Eurocopa do que os sul-americanos valorizam a copa América, principalmente Brasil e Argentina.

## **CAPÍTULO IV - O FUTEBOL MODERNO E A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO**

### **4**

#### **4.1 Globalização e as identidades nacionais**

“Uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou.”<sup>67</sup>.

---

67 ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. 2010, p. 31. Disponível em: <https://comunicadadao.wordpress.com/2010/06/10/fichamento-%E2%80%93-mundializacao-e-cultura-ortiz-renato/>. Acesso em 03 jul. 2017.

Tornou-se evidente o intenso processo de globalização instalado principalmente após a guerra fria, o avanço tecnológico aliado ao fim do antagonismo entre duas superpotências abriu o caminho para uma maior convivência entre os povos. Nas relações internacionais o fim da guerra fria é visto como um divisor de águas e causador de uma crise nas teorias positivistas da área.

Os atores transnacionais ganharam muito mais destaque no sistema internacional pós-guerra-fria, isso ocorreu porque a segurança deixou de ser o tema predominante nas discussões internacionais. A predominância da ideia de que o Estado seria o principal ou até único ator no sistema internacional começou a ser fortemente questionada. Percebeu-se que muitos temas ultrapassam as fronteiras nacionais, fugindo do controle dos governos estatais, o processo de integração social, econômico e cultural se tornou intenso, ocasionado pela rápida propagação da informação, muitas vezes até de maneira instantânea.

A seguir, uma citação do livro “O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)”, do professor Alexandre de Freitas Barbosa, Alexandre é pesquisador na área de história econômica:

A globalização caracteriza-se pela expansão do fluxo de informações- que atingem todos os países, afetando empresas, indivíduos e movimentos sociais- pela aceleração das transações econômicas- envolvendo mercadorias, capitais e aplicações financeiras que ultrapassam as fronteiras nacionais e pela crescente difusão de valores políticos e morais em escala universal.

Assim, no mundo globalizado, as distâncias geográficas e temporais encolhem-se de forma pronunciada. A oposição “longe-perto” – tão marcante nas sociedades primitivas e também dos Estados nacionais nos últimos duzentos anos- mostra-se cada vez menos nítidas.

Isso quer dizer que a globalização não está somente nas notícias difundidas internacionalmente, pois repercute na própria dinâmica das economias e sociedades cada vez mais influenciadas pela produção das multinacionais, pela entrada de capitais na bolsa, pelo uso de novas tecnologias e bens de consumo importados, pela presença crescente dos temas de política internacional na agenda nacional dos respectivos governos e pela adesão externa aos projetos dos movimentos sociais nacionais.

Nesse contexto, tornou-se um fenômeno do passado o sonho de desenvolver uma nação somente a partir de suas próprias forças, isolando-a da realidade internacional. [...].<sup>68</sup>

A globalização sugere um movimento rumo a homogeneização das sociedades, isso é contrário ao discurso das identidades nacionais, pois identidade sugere a diferenciação, o que faz um povo ser único e não possa ser confundido com outro, é a origem comum de um grupo de pessoas. A ideia de nacionalismo é bastante antagônica a globalização, pois o intercâmbio cultural pode incorporar elementos de outras identidades em uma determinada sociedade, muitos nacionalistas sugerem que isso descaracteriza ou desfigura uma identidade.

A difusão do globalismo resultaria na criação e consolidação de uma sociedade global, na qual as próximas gerações, já nascidas no período de globalização assumissem uma identidade global em detrimento de uma identidade nacional.

O cientista político e professor universitário nipo-americano Francis Fukuyama argumentou que o fim da guerra fria significou não só a vitória de um modelo político e econômico, mas também tornou esse modelo a hegemonia e o inevitável caminho a ser tomado por todos os países. “O fim da história e o último homem” foi lançado em 1992, na percepção de Fukuyama, o fim do Império soviético abriu o caminho para o modelo de democracia liberal propagado pelos Estados Unidos ser adotado de maneira natural em todo o globo, naquele contexto, afinal, os americanos se tornaram a única nação com status de superpotência. No ambiente sem antagonismos, não haveria mais razão para existir conflitos geopolíticos, a democracia liberal seria então o último estágio de desenvolvimento da sociedade, daí vem a ideia de “fim da história”, segundo o autor é a conclusão do processo de evolução sociocultural. A globalização seria o veículo para a propagação de um suposto sentimento de unidade global, o processo então seria irreversível as sociedades se transformariam em uma única sociedade global. O fim das diferenças ideológicas seria o fator decisivo para o fim das hostilidades entre os Estados. O embrião do livro de Fukuyama foi um

---

68 BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 13.

artigo publicado na revista “*The national interest*” em 1989, a revista em questão é voltada para assuntos relacionados a economia e relações internacionais:

Aquilo que podemos estar testemunhando não é só o fim da Guerra Fria ou a passagem de um período particular de história pós-guerra, mas sim o fim da história como tal: ou seja, a forma final de governo humano. Isso não significa dizer que não haverá mais eventos para preencher as páginas dos sumários do ministério de Assuntos Externos, nem das relações internacionais, pois a vitória do liberalismo ocorreu primariamente no campo das ideias ou da consciência, e ainda está incompleta no mundo material ou real. Mas há razões poderosas para acreditar que esse é o ideal que governará o mundo material em longo-prazo. Para compreender como isso será, nós devemos primeiramente considerar as questões teóricas da natureza da mudança histórica.<sup>69</sup>

A tese de Fukuyama é considerada muito ingênua e otimista por alguns, ao “proclamar” o fim da história o autor ignora os milênios antes da guerra fria. O autor não dá forte destaque ao papel do Estado no mundo que surgiria no período pós-guerra-fria, as economias liberais iriam dissolver a relevância estatal em um mundo cada vez mais globalizado e com fronteiras cada vez mais fracas. O autor classificou o liberalismo como um caminho para a paz, pois a guerra não é uma característica marcante no liberalismo, ele ainda sugere que um mundo composto por democracias liberais geraria um clima desestimulante para o acontecimento de guerras.

Mesmo “odiado” por muitos, a obra de Fukuyama é bastante célebre e se tornou um clássico. 22 Anos após o lançamento da sua maior obra, Fukuyama concedeu uma entrevista a um órgão de imprensa alemão, a agência DW (Deutsche Welle), Francis foi indagado se ainda acreditava naquilo que havia escrito:

DW: Em 1989, o senhor publicou seu artigo mais conhecido, O fim da história?. Vinte e cinco anos atrás, numerosos críticos diziam: "Esse cara está errado." O senhor sente que foi mal entendido ou admite agora que estava errado?

---

69 CARVALHO, Jean Augusto G. S. **Fukuyama: O Fim da História e o Último Homem**. Disponível em: [http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo\\_9.html](http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo_9.html). Acesso em 03 jul. 2017.

Francis Fukuyama: Acho que os maiores problemas têm a ver com um mal entendido. O conceito de "fim da história" era a questão: em que rumo à história aponta? Para o comunismo – que era o ponto-de-vista de muitos intelectuais, antes – ou na direção da democracia liberal? E acho que, neste ponto, ainda estou certo.

História, no sentido filosófico, é realmente o desenvolvimento, ou a evolução – ou modernização – de instituições, e a questão é: nas sociedades mais desenvolvidas do mundo, que tipo de instituições são essas?

Acho que está bem claro que qualquer sociedade que pretenda ser moderna ainda precisa ter uma combinação de instituições políticas democráticas com uma economia de mercado. E eu não acho que a China, a Rússia ou qualquer outro concorrente invalidem esse argumento.<sup>70</sup>

O cientista político americano Samuel Huntington analisou o fim da guerra fria com menos entusiasmo que Fukuyama, para Huntington iria emergir um mundo extremamente instável, causado pelo contraste entre as civilizações. Samuel considerava que o ocidente liderado pelos Estados Unidos, iniciaria um processo de difusão de uma cultura ocidental universal através da globalização, e é exatamente nesse momento que fica em evidência naquilo que Huntington chama de “O choque de civilizações”, que foi o título de um artigo publicado em 1993 pelo cientista político na revista de relações internacionais “foreign affairs”. O artigo virou livro e foi lançado em 1996 sob o título de “O Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial”.

A teoria proposta por Huntington é considerada uma resposta a teoria de Francis Fukuyama, as obras dos dois autores discordam em diversos aspectos analisando o mesmo contexto histórico. Huntington concorda que a época das ideologias acabou com o fim do conflito bipolar, as doutrinas ideológicas são apontadas como as causas de diversos conflitos, a guerra fria sublinhou isso de uma maneira ostensiva, a impressão era de que o conflito de ideias entre soviéticos e americanos seria o último estágio que os conflitos ideológicos poderiam chegar, uma possível guerra nuclear entre as superpotências seria o desfecho desastroso, foi nesses aspectos que Fukuyama embasou suas teorias.

---

70 DW. “**Ainda tenho razão**”, afirma Francis Fukuyama, filósofo do “fim da história”. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ainda-tenho-raz%C3%A3o-afirma-francis-fukuyama-fil%C3%B3sofo-do-fim-da-hist%C3%B3ria/a-17730414>. Acesso em 03 jul. 2017.

Huntington apesar de concordar com o fim da era das grandes ideologias, não concordava que as doutrinas seriam os únicos elementos causadores de conflito, ele acreditava que sem ideologias os fatores culturais seriam os maiores causadores de conflitos, o antagonismo cultural abriria uma infinita sucessão de conflitos. Seria impossível homogeneizar o mundo, pois as identidades culturais dos povos não dariam margem para encontrar um modo universal de gerir a política e a economia, o que é visto pelo ocidente como democracia é visto no oriente médio como imperialismo.

A globalização poderia servir para integrar o mundo no campo tecnológico, mas politicamente é algo bastante distante. Huntington argumenta que a civilização ocidental causou impactos gigantes e até devastadores sobre as outras civilizações.

Enquanto as relações entre grupos de civilizações diferentes não serão íntimas e frequentemente serão antagônicas, algumas relações intercivilizacionais têm maior tendência para o conflito do que outras. No nível micro, as linhas de fratura mais violentas estão entre o Islã e seus vizinhos ortodoxos, hindus, africanos e cristãos ocidentais. No nível macro, a divisão predominante está entre as sociedades muçulmana e asiática, de um lado, e o Ocidente, do outro. Os choques mais perigosos do futuro provavelmente surgirão da interação da arrogância ocidental, da intolerância islâmica e da postura afirmativa sínica.

O Ocidente foi a única dentre as civilizações que exerceu um impacto grande- e, por vezes, devastador- sobre cada uma das outras civilizações. Em consequência, a relação entre o poderio e a cultura do Ocidente e o poderio e a cultura das outras civilizações é a característica mais generalizada do mundo das civilizações. À medida que cresce o poder relativo das outras civilizações, a atração da cultura ocidental diminui e os povos não-ocidentais têm cada vez mais confiança nas suas respectivas culturas indígenas e se dedicam mais a elas. O problema fundamental nas relações entre o Ocidente e o resto é, consequentemente, a disparidade entre os esforços do Ocidente- especialmente dos Estados Unidos – para promover uma cultura ocidental universal, e a sua decrescente capacidade para fazê-lo.<sup>71</sup>

Huntington ainda propõe que a globalização é uma maneira que o ocidente encontrou para defender os seus interesses, taxando-os como interesses da comunidade internacional, isso é uma forma de buscar legitimar a globalização como um processo construído por todos

---

71 HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial**. 4. ed. São Paulo: Gravidia, 1999, p. 227-228.

os povos. Integrar as economias que não são ocidentais num sistema financeiro dominado pelo Ocidente significaria uma maneira de dominação, as instituições financeiras como o FMI e o Banco Mundial são utilizadas no processo de dominação.

Apesar das diferenças entre dois dos principais autores sobre a globalização no período logo após o fim da guerra-fria, algo em comum parece estar implícito nos discursos de Huntington e de Fukuyama, ambos não dão um grande destaque ao papel do Estado-nacional. Talvez Huntington chegue mais perto por destacar a força dos fatores culturais das civilizações, a identidade cultural é uma peça do quebra cabeça relacionado ao Estado-Nação, mas a instituição estatal não tem protagonismo em sua obra.

Muito se debateu no campo das relações internacionais acerca do papel do Estado-nacional após o fim da guerra-fria, foi nesse período que houve a popularização das teorias pós-positivistas do campo, muitas das quais sugerem um outro tipo de interpretação do sistema internacional.

Muito se falou na década de 90 e anos 2000 sobre a crise que o Estado Nacional poderia enfrentar, as ideias de globalização são antagônicas em relação ao conceito de Estado-nacional, esse tipo de organização poderia se tornar algo senil e retrógrado, em um mundo moderno e idealizado da “aldeia global” proposto pelos entusiastas do globalismo.

Se considerarmos o ano de 1989 como o ano em que a guerra-fria saiu da realidade para os livros de história, já se passaram quase 30 anos e o mundo que enxergamos é bastante diferente do que foi idealizado pelos entusiastas da globalização e do modelo de democracia liberal. O Estado ainda permanece como a principal maneira de organização das sociedades, como ator no sistema internacional ele passou a dividir mais atenção com os atores transnacionais, mas está muito longe de ter se tornado irrelevante. Se o liberalismo e as empresas multinacionais encontram cada vez mais espaço, muito se deve a ação do Estado, a integração econômica fomentada pelos blocos econômicos é fruto de políticas de Estado.

Ações estatais possibilitaram que a União Europeia se tornasse o ambiente que conhecemos, com a livre circulação de pessoas e mercadorias entre os membros, isso foi um planejamento dos Estados membros da União, não foram as empresas privadas que fizeram o

processo se tornar irreversível, os Estados de uma maneira geral não demonstram uma subserviência em relação aos outros atores.

A relevância das identidades nacionais também foi colocada em dúvidas com a globalização. A livre circulação de pessoas e mercadorias em um mundo com fronteiras cada vez menos intransponíveis poderiam enfraquecer os orgulhos nacionais, afinal, a globalização iria trazer todos para mais perto, a identidade é algo que diferencia os grupos, historicamente esses grupos só são diferentes devido à distância, a globalização intensa iria resolver isso, ou não.

Algo inesperado talvez seja a atual onda nacionalista que se desenha no mundo, no calor dos acontecimentos que levaram ao colapso da guerra-fria seria muito improvável alguém dizer que quase 30 anos depois o conservadorismo e o nacionalismo exacerbado voltariam a cena. Os movimentos de extrema-direita têm ganhado cada vez mais adeptos na Europa, os discursos marcados por xenofobia marcaram a vitória de Donald Trump nas eleições de 2016 nos Estados Unidos.

Trump tem uma retórica antiglobalização, uma das suas mais famosas promessas eleitorais foi a de construir um grande muro na fronteira com o México, o presidente parece não gostar da ideia de integração proposta pela globalização, generaliza os povos árabes ao propor que sejam impedidos de entrar nos Estados Unidos. Não se sabe ao certo se o discurso antiglobalização foi o maior responsável pela vitória, já que a sociedade americana se mostra bastante desiludida em relação aos políticos tradicionais, talvez elegendo Trump por enxergar nele alguém não tão envolvido com a política.

O terrorismo sem dúvida é um fator muito influente para a popularização dos discursos nacionalistas e antiglobalização, as ações de grupos terroristas adeptos do radicalismo islâmico fazem com que os povos árabes sejam erroneamente associados ao terrorismo. A Europa é local mais atingido pelo terrorismo atualmente, num momento em que a guerra civil na Síria parece cada vez mais longe de um fim, fazendo com que milhares de refugiados fujam em direção a Europa. O aumento do euroceticismo é algo cada vez mais evidente no continente, a União Europeia tem sido cada vez mais questionada, os políticos de extrema-direita têm sido os principais responsáveis por dar voz ao euroceticismo.

Os personagens da extrema-direita por muito tempo foram folclóricos, os resultados eram pouco expressivos nas eleições de seus respectivos países, mas isso parece ter mudado, um bom exemplo foi a eleição presidencial francesa de 2017, o pleito evidenciou o quanto os políticos tradicionais estão caindo em descrédito na Europa, assim como os discursos ultranacionalistas também fazem sucesso na Europa.

A candidata Marine Le Pen, de extrema-direita, não venceu a eleição francesa, mas o seu expressivo segundo lugar mostra como a retórica antiglobalização parece se fortalecer na Europa, não possível saber se a globalização irá ser freada, mas é bastante claro que esse processo já não é visto como inevitável.

O Brexit pode ser interpretado como um exemplo de como os Estados-nacionais ainda são extremamente relevantes, por não ser diretamente uma disputa entre candidatos, o referendo e seus antecedentes podem ser mais eficazes em expor como a globalização é contestada. Os principais argumentos pró-Brexit eram que a União Europeia feria a soberania dos Estados membros e o direito à autodeterminação do povo britânico, o referendo pode não ter demonstrado uma unidade nacional britânica, com a maioria dos votantes escoceses votando pela permanência, mas enfatiza como uma grande parcela da população britânica ainda vê no Estado uma melhor forma de organização, sem interferências de um bloco como a União Europeia.

Analisando o atual contexto, pode-se dizer então que a globalização não integrou todos os países da maneira como prevista anteriormente, o processo enfrenta ainda muita resistência e falar em uma sociedade humana sem fronteiras é algo bastante utópico, o mundo está muito longe nesse momento de chegar a algo como uma identidade global.

Pode ser que a o processo de globalização tenha sido superestimado na década de 90, o mundo é muito mais integrado e as nações são muito mais interdependentes nos dias de hoje, mas o globalismo da maneira como é difundido é algo bastante ocidental, por isso a impressão de que os países ocidentais sejam mais integrados do que aqueles de regiões como o Oriente Médio e Ásia Central por exemplo.

## 4.2 Os efeitos da globalização no futebol

No dia 22 de maio de 2010 a Internazionale, um dos maiores clubes da Itália e Europa, venceu o Bayern de Munique na decisão da Liga dos Campeões da Europa, o torneio mais importante do continente, a equipe italiana entrou com 11 jogadores estrangeiros no time titular. Se não fosse pelo fato do zagueiro italiano Materazzi ter entrado já nos acréscimos do segundo tempo, nenhum italiano teria jogado aquela final pela Internazionale, que já contava o português José Mourinho como treinador. A agremiação italiana concretizou a peculiaridade de não contar com italianos dentro de campo pela primeira vez 6 anos depois, em um jogo que a equipe adversária, a Udinese, também entrou em campo sem italianos, o jogo foi o primeiro da história da liga italiana a não contar com jogadores locais. Os exemplos envolvendo a Inter não são os únicos dentro do tema que engloba futebol e globalização, muitos jogadores estrangeiros também não é o único fator causado pela globalização dentro do futebol.

A globalização atingiu o futebol em cheio, principalmente na Europa. Os clubes europeus são marcas muito reconhecidas no mundo inteiro, da década de 90 até hoje o processo de internacionalização dos clubes é bastante evidente. As equipes contam cada vez mais com jogadores estrangeiros, algumas vezes o número de jogadores estrangeiros num clube até supera o de futebolistas locais, como foi o caso citado da Internazionale de Milão.

O processo de globalização é impulsionado pelas tecnologias e pelo sistema capitalista, isso faz com que várias instituições de diferentes áreas de atuação entrem no mercado global, os clubes de futebol se incluem nisso. Os clubes são praticamente geridos como se fossem empresas hoje em dia, a expansão da marca é um objetivo de vários clubes, sendo que os europeus atingiram esse objetivo com bastante êxito. É bastante comum os clubes europeus terem admiradores no mundo inteiro, basta olhar para ver que há camisas de clubes como Barcelona, Real Madrid, Chelsea, Manchester United, PSG, Manchester City circulando por cidades do mundo inteiro. A força econômica que os clubes europeus ganharam é um fator muito influente na capacidade de expansão da marca, com grande força financeira faz com que essas agremiações consigam montar equipes extremamente fortes, naturalmente conseguem jogar o esporte em um nível bastante alto. A mídia também tem

grande importância na globalização do esporte, é possível acompanhar os campeonatos europeus no mundo todo, seja através da televisão ou da internet, os veículos de imprensa dão bastante atenção aos clubes da Europa, influenciando na popularização das suas marcas e fazendo nascer mais admiradores dessas equipes.

O futebol jogado na Europa se tornou sinônimo de esporte em alto nível, a maneira como os europeus organizam os seus torneios passou a ser referência e considerado como o “jeito certo de se fazer futebol”. Com a ampla divulgação, ficou inevitável acontecer as comparações entre o futebol da Europa e dos outros lugares do mundo, na América Latina o esporte passou a ser visto como decadente pela grande mídia, que sempre sugere a adoção dos métodos europeus para gerir o futebol.

### **4.3 A elitização do futebol**

Uma grande crítica direcionada ao futebol moderno é a que o esporte está se tornando cada vez mais elitista, incentivado por fatores como os caros programas de sócio torcedor dos clubes e a modernização dos Estádios, que são transformados em arenas modernas, com ingressos com preços cada vez menos acessíveis. Já foi citado que as classes menos abastadas são bastante importantes na história do futebol, desde a popularização nos primórdios do esporte na Inglaterra, seria muito difícil o futebol ter se transformado no esporte que é sem a participação dessas classes, a capacidade de representar multidões que esse desporto tem descende da popularização.

Na Europa, que é um continente muito desenvolvido socioeconomicamente, a modernização do futebol excluiu muita gente, principalmente como parte da estratégia no fim dos anos 80 de acabar de vez com os *hooligans*. Os *hooligans* são torcedores muito violentos, que encontram no esporte a oportunidade de promover tumultos, esses torcedores frequentemente utilizam as identidades para promover as badernas e a violência nas

arquibancadas. A tolerância com os *hooligans* chegou até um limite no fim da década de 80, quando a polícia britânica se eximiu da responsabilidade na tragédia de Hillsborough.

A tragédia de Hillsborough aconteceu em 15 de abril de 1989, quando o Liverpool enfrentaria o Nottingham Forest, o importante jogo válido pela semifinal da FA Cup iria ser disputado no referido estádio na cidade de Sheffield. A tragédia ocorreu principalmente devido ao despreparo das autoridades e a falta de estrutura do estádio de Hillsborough para receber um jogo daquela magnitude, os torcedores do Liverpool do lado de fora entraram abruptamente no já superlotado espaço reservado para os torcedores do clube, o resultado foi um saldo de 76 mortos e centenas de feridos. A mídia culpabilizou a torcida do Liverpool no incidente, defendendo os argumentos da polícia de que a violência dos adeptos do Liverpool teria sido o verdadeiro fator que causou a tragédia, os tabloides ingleses, a televisão e o rádio ajudaram a propagar esses argumentos, influenciando a opinião pública a condenar os fãs do Liverpool, o jornal “*the sun*” ficou bastante marcado na tragédia, o tabloide expôs em sua capa alguns dias após o desastre que a culpa havia sido da torcida, até os dias de hoje o veículo de imprensa é boicotado na cidade de Liverpool.

O que aconteceu em seguida foi uma cruzada contra as torcidas de futebol, muitas das quais eram engajadas politicamente e alinhadas aos sindicatos, organizações que haviam entrado em choque com o governo da premiê Margaret Thatcher. O combate aos *hooligans* acabou enfraquecendo todos os tipos de torcidas organizadas da Inglaterra, normalmente formadas por pessoas mais simples, os estádios foram modernizados e transformados nas modernas arenas inglesas, os programas de sócios e o preço dos ingressos afastaram os torcedores mais simples dos estádios.

Hoje o campeonato inglês é considerado um dos mais fortes da Europa, os clubes são milionários e contam com jogadores de diversas nacionalidades em seus elencos, sendo um grande exemplo de globalização no esporte. O futebol moderno trouxe paz aos estádios da Inglaterra, mas ao afastar a classe trabalhadora do esporte, o futebol inglês fere a própria essência e a identidade dos clubes, muitos dos quais possuem origem operária, a Premier League é vista como um modelo a ser seguido pelo sucesso financeiro e pela paz nos estádios, então acaba exportando essas ideias acerca do futebol para outros países do mundo.

Apenas em 2012 um inquérito independente apontou que a causa da tragédia em hillsborough havia sido um fruto da irresponsabilidade das autoridades, em abril de 2016 saiu o veredicto culpando a polícia e inocentando os torcedores do Liverpool, o governo do Reino Unido se desculpou com os adeptos em nome do primeiro-ministro David Cameron. Passados 27 anos do incidente em Sheffield, o futebol inglês já havia se tornado um enorme produto, a elitização já é um fato e não há veredicto que possa mudar isso.

A modernização do futebol no Brasil veio principalmente através da modernização dos estádios, a copa de 2014 fez com que fossem construídas modernas arenas em todo o país. A globalização no futebol parece não ajudar os clubes brasileiros, pelo contrário, se tornou muito difícil para as equipes locais manter os seus principais jogadores, que são atraídos pelos grandes salários oferecidos por clubes europeus, que possuem marcas globalizadas e muito capital para investir. Recentemente os clubes do Oriente Médio e da China também entraram em cena, como não possuem grande tradição, utilizam a força financeira para atrair os jogadores estrangeiros.

Ao elitizar o futebol brasileiro, inspirando-se no modelo europeu, os dirigentes brasileiros parecem ignorar o papel da classe trabalhadora no desenvolvimento do futebol por aqui, é sempre bom lembrar que foram indivíduos advindos das classes menos abastadas que popularizaram o futebol no Brasil, transformando o esporte em uma verdadeira instituição e importantíssimo elemento da identidade cultural e nacional brasileira.

O futebol elitizado, seja na Europa ou no Brasil, tem o intuito de transformar os clubes em verdadeiras empresas, o estádio, ou arena, se torna cada vez mais um local para o consumo, convertendo o torcedor em cliente. Diferentemente do torcedor, o cliente não vai até o estádio somente porque ama uma agremiação ou o que ela representa fora de campo, um dos exemplos disso foi o que aconteceu com a equipe do Mônaco, clube do principado homônimo e que disputa o campeonato francês, em 2014 após o clube vender suas principais estrelas, os torcedores pediram reembolso pois alegavam que o produto que eles haviam comprado, no caso o ingresso, não valia mais o que pagaram, pois muitos tinham adquirido os ingressos em função da qualidade dos jogadores. O torcedor tradicional, como sabemos, tem a paixão e a identificação como o principal motivo de ir até o estádio, a crise que os novos conceitos trazem inclui o risco de trazer para dentro dos clubes a crise de identidade.

#### 4.4 A relação das identidades com o futebol globalizado

Como citado nos capítulos anteriores, o futebol é capaz de gerar a representação, a identidade nacional é uma das possibilidades. A Espanha foi citada como exemplo de identidades nacionais no âmbito futebolístico, alguns clubes locais têm grande identificação com orgulhos locais, mas a globalização do futebol coloca dúvidas acerca do futuro dessas identidades. O antagonismo entre o local e o global se evidenciam em um clube como o Barcelona, por exemplo, a equipe vive o contraste de ao mesmo tempo ser um importante elemento da identidade nacional catalã com o fato de ser uma enorme marca global com fãs por todo o globo.

Em 1995 foi sancionada pelo Tribunal de Justiça da União Europeia a lei Bosman, que permitiu que os jogadores não ficassem presos a um clube no fim do contrato, mas o destaque dessa lei foi o fato dos jogadores europeus terem o direito de circulação laboral como qualquer trabalhador da União Europeia. A lei Bosnan gerou um efeito que jogadores estrangeiros fossem contratados para um clube local como jogador comunitário, ou seja, no papel tinha o mesmo status de um jogador local, é importante salientar que era bastante comum as ligas locais restringirem o número de estrangeiros, na Espanha por exemplo podiam jogar 3 por jogo. A entrada maciça de jogadores estrangeiros causou estranhamento em regiões de fortes tradições locais, como na Espanha, o Barcelona por exemplo já havia contado com estrangeiros em sua história, como Johan Cruyff, mas até então a base dos elencos do clube era composta por jogadores locais, a maioria catalã, a torcida sentiu, mas acabou acostumando com tamanha presença estrangeira no clube.

O Barcelona continua até os dias de hoje destacando o seu papel como um representante da identidade catalã, mas vive um paradoxo quando é cobrada uma posição acerca do separatismo catalão nos dias de hoje, a diretoria do clube compreende que a independência da Catalunha em relação a Espanha, tanto no âmbito político quanto no esportivo pode prejudicar o Barcelona financeiramente, pois o clube possui importantes

contratos no financeiros dentro do futebol espanhol, a liga espanhola certamente também não gostaria de perder uma instituição do tamanho do Barcelona.

Uma liga nacional catalã não iria ter o mesmo nível esportivo do campeonato espanhol, que já é considerado baixo em relação aos outros campeonatos europeus, principalmente por causa da disparidade financeira de Barcelona e Real Madrid em relação aos outros clubes. Alguns cogitam que o Barcelona deve continuar no campeonato espanhol mesmo com uma possível independência da Catalunha, a exemplo do Mônaco no campeonato francês e dos times galeses que participam do campeonato inglês, mas isso certamente não seria bem recebido tanto pelo time como pela população local, seria como se o lema “*més que un club*” perdesse o seu sentido para o clube.

Um foco notável de resistência a globalização do futebol até os dias de hoje é o Athletic Bilbao, a agremiação basca até os dias de hoje mantém a sua rígida política de contar apenas com jogadores considerados bascos. A lei Bosman acabou prejudicando a equipe de Bilbao no início, gerando uma crise no clube, mas logo a agremiação se recuperou e conseguiu se manter como um maiores clubes da Espanha, sendo junto com o Barcelona e Real Madrid uma das únicas equipes a nunca ter disputado uma divisão inferior. No âmbito esportivo o Athletic continua obtendo relativo sucesso, a equipe tem obtido colocações razoáveis no campeonato espanhol, além de ter obtido classificações para os torneios continentais, certamente os resultados dentro de campo fortalecem o ideal do clube de permitir somente os jogadores bascos na equipe.

Os ideais separatistas de catalães e bascos não só continuaram até os dias de hoje como também parecem ter ganhado mais força, isso certamente reflete no futebol espanhol. Nos últimos anos Athletic Bilbao e Barcelona se enfrentaram três vezes na decisão da Copa do Rey (temporadas: 2008/09, 2011/12, 2014/15), nas três ocasiões os torcedores de ambas as equipes se uniram para vaia o hino nacional espanhol, em 2015 ambos os clubes foram multados devido ao grande constrangimento causado.

Como já citado anteriormente, no Brasil a elitização do futebol afasta os torcedores das classes mais pobres, o resultado disso foi sentido inclusive na Copa do Mundo FIFA de 2014, quando a torcida brasileira nos estádios era composta basicamente por pessoas de classe

média, durante o torneio foi evidente que o público não era formado pelos “torcedores de estádio”. A elitização a longo prazo pode diminuir a influência e participação do futebol na identidade nacional brasileira, basta ver que a seleção do Brasil se afastou bastante do povo brasileiro nos últimos anos, os jogos amistosos do time nacional raramente são realizados no Brasil. As únicas partidas realizadas sem território nacional ultimamente foram pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018, mas já com os estádios elitizados e sem grande participação de torcedores de classes menos abastadas. Deixar a maioria das pessoas sem possibilidades de frequentar os estádios tanto em jogos da seleção quanto nos jogos dos clubes pode significar a perda gradativa da identificação com essas instituições.

A seleção brasileira apesar de ficar cada vez mais distante, dificilmente será abandonada pelas pessoas em uma Copa do Mundo por exemplo, mas no âmbito dos clubes o afastamento pode gerar uma diminuição no número de aficionados pelas equipes brasileiras. É cada vez mais comum que os jovens brasileiros já se considerem torcedores de equipes europeias, pois a globalização do futebol trouxe mais informações sobre essas equipes ao Brasil, fazendo com que a distância dos torcedores para os times europeus seja muito parecida com a distância em relação aos clubes locais, pois do mesmo jeito que a televisão transmite uma partida do campeonato brasileiro ela também transmite partidas da liga dos campeões da Europa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou trazer para o debate vários conceitos estudados nas ciências humanas, entre os quais podemos destacar identidade nacional, identidade cultural, Estado-nação, globalização, etc.

Após abordar os diversos temas que envolvem a identidade nacional, o objetivo foi trazer o futebol para dentro do debate, expor os exemplos de identidades nacionais sendo exaltadas dentro do futebol e debater como o esporte mais praticado do mundo pode de fato ter a capacidade de representar algo/alguém.

Conseguimos concluir que o futebol serviu, de maneira espontânea ou não, para a exaltação de identidades nacionais mundo afora, em alguns momentos sendo impulsionado pelos Estados como instrumento de política, como foi o caso do Brasil durante a Ditadura Militar, ou na Espanha Franquista. A Espanha, país multinacional e recheado de tensões separatistas, serviu de exemplo em boa parte dos debates, a maneira como clubes igual Barcelona e Athletic Bilbao são capazes de ser um elemento de identidade nacional em suas respectivas regiões não poderia ser ignorado, aquele país certamente é o maior exemplo de como uma identidade nacional pode ser exaltada através do futebol.

O estádio de futebol pode ser um grande vetor de identidades, o espaço quando é democrático pode facilmente se converter em um ambiente que respira um orgulho, seja ele de uma classe social ou de uma nação, o Camp Nou e o San Mamés estão aí e não nos deixa mentir.

Em países como o Brasil o futebol pode ser considerado até os dias de hoje, mas trouxemos ao debate como a elitização do esporte pode afastá-lo da simbologia nacional que tem. O esporte se tornou no Brasil uma importante instituição social através da imensa integração entre as “raças” e a grande participação da classe trabalhadora nos estádios, se em

países como a Inglaterra, que possui bons indicadores sociais a elitização faz mal a representatividade do futebol, imagina em um país com tanta desigualdade como o Brasil.

Por último foi lançado um debate sobre a globalização e a maneira como ela influencia o futebol, a mercantilização do jogo parece ser uma grande ameaça ao que o futebol representa para algumas identidades. O conflito entre o global e o local se evidenciam quando clubes tão representativos regionalmente como o Barcelona passam a ser adotados por pessoas que muitas vezes até desconhecem as tensões do separatismo catalão. É bastante impressionante e de grande destaque o caso do Athletic Bilbao, que mesmo em um mundo globalizado ainda mantém a política de contar apenas com jogadores bascos, o clube de Bilbao consegue como poucos representar o local de uma maneira extremamente forte, apesar do clube ser considerado “xenófobo” por pessoas fora do País Basco, ele representa fortemente a identidade daquela região junto com os seus rivais. O relato de que um jogo entre Real Sociedad e Athletic pode ter ajudado na legalização da bandeira basca é algo que liga fortemente o futebol a identidade nacional basca.

A reação das torcidas de Athletic e Barcelona ao ouvirem o hino espanhol demonstra como mesmo em tempos de globalização, as populações de ambas as regiões ainda lutam pelo direito de autodeterminação. Apesar de diminuir o impacto das fronteiras, a globalização ainda não é capaz de destruir as identidades nacionais, isso com certeza influi no ambiente futebolístico, ao menos por enquanto as identidades têm se mostrado bastante sólidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Flávio. **Ângela Merkel e o novo nacionalismo alemão**. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/angela-Merkel-e-o-novo-nacionalismo-alemao/6/18541>. Acesso em 20 set. 2016.

ALVITO, Marcos. **Futebol é bom para pensar**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-1-a-pre-historia-do-futebol/>. Acesso em 02 fev. 2017.

ALVINO, Marcos. **The ball is round, Capítulo E – Uma vida bem mais esplêndida – o futebol industrial e a Grã-Bretanha da classe trabalhadora, 1888-18914**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/the-ball-is-round-capitulo-3-uma-vida-bem-mais-esplendida-o-futebol-industrial-e-gra-bretanha-da-classe-trabalhadora-1888-1914/>. Acesso em 17 fev. 2017.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexos sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO LIMA, Érico Oliveira de. **Ideologia e ditadura militar: a imagem do regime construída na imprensa brasileira durante o regime militar no país (1964-1985)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Ideologia%20e%20ditadura%20militar.pdf>. Acesso em 20 nov. 2016.

BANGU NET. **1889 A 1903**. Disponível em: <http://www.bangu.net/informacao/livros/nosequesomosbanguenses/1889a1903.php>. Acesso em 20 fev. 2017.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. **O mundo globalizado (Política, sociedade e economia)**. São Paulo: Contexto, 2015.

BRESCIANE, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007.

BRITO, Nonato. **Proclamação da República: “O povo assistiu àquilo bestializado”**. Disponível em: <https://www.vimareense.com.br/single-post/2015/11/16/Proclama%C3%A7%C3%A3o-da-Rep%C3%BAblica-O-povo-assistiu-%C3%A0quilo-bestializado>. Acesso em 16 nov. 2016.

CALLEJA, Eduardo González. El Real Madrid, ¿”Equipo del Régimen”? Fútbol y política durante el Franquismo. **Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, n.14, 2010.

CAMARA, Eric Brucher. **Copa desperta novo nacionalismo na Alemanha**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u54261.shtml>. Acesso em 20 set. 2016.

CARVALHO, Jean Augusto G. S. **Fukuyama: O Fim da História e o Último Homem**. Disponível em: [http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo\\_9.html](http://acaoavante.blogspot.com.br/2016/08/fukuyama-o-fim-da-historia-e-o-ultimo_9.html). Acesso em 03 jul. 2017.

DEBRUN, Michel. **A identidade nacional brasileira**. 2. ed. Campinas: Vozes Ltda, 1990.

DENMARK. **A bandeira nacional**. Disponível em: <http://denmark.dk/pt/fatos-breves/a-bandeira-nacional>. Acesso em 17 set. 2016.

DW. **“Ainda tenho razão”, afirma Francis Fukuyama, filósofo do “fim da história”**. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-br/ainda-tenho-raz%C3%A3o-afirma-francis-fukuyama-fil%C3%B3sofo-do-fim-da-hist%C3%B3ria/a-17730414>. Acesso em 03 jul. 2017.

EL PAÍS. **El derbi vasco de la ikurriña**. Disponível em: [https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636\\_247607.html](https://deportes.elpais.com/deportes/2016/10/16/actualidad/1476642636_247607.html). Acesso em 06 jun. 2017.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os dois Brasis**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/os-dois-brasis/>. Acesso em 22 abr. 2017.

FIFA.COM. **History of FIFA – Foundation**. Disponível em: <http://www.fifa.com/about-fifa/who-we-are/history/index.html>. Acesso em 19 jun. 2017.

FIGOLS, Victor de Leandro. **Futebol e Política: Os fascistas querem a bola**. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-e-politica-os-fascistas-querem-a-bola/>. Acesso em 22 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. O estádio como espaço de afirmação do nacionalismo catalão. **Projeto História**. São Paulo, n.49, 2014.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Atlas, 2003.

GARCÍA, Pedro de Vega. Sistema. IN: **Revista de ciencias sociales**, Nº 16, 1977.

GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol -la dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología(Ris)**. Vol. LXIV, nº 45, Septiembre-Diciembre, 2006.

GORDON JUNIOR, Cesar. História social dos negros no futebol brasileiro. **Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro, n.2, 1995.

GUEDES, Simoni Lahud. De criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, XXVI, 2002, Caxambú. ANPOCS, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Congresso, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**, 2002.

GUIMARÃES, Francisco Xavier da Silva. **Nacionalidade: aquisição, perda e reaquisição**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**. São Paulo, v.1, n.29, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall4.html>. Acesso em 03 nov. 2016.

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Martin Claret, 2008.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque de civilizações e a reconstrução da ordem mundial**. 4. ed. São Paulo: Gravidia, 1999.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Lumen, 2000.

LIMA, Marcos Costa. GETÚLIO VARGAS E O ESTADO NACIONAL DESENVOLVIMENTISTA. Disponível em: [http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414](http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1982%3Agetulio-vargas-e-o-estado-nacional-desenvolvimentista-&catid=58&Itemid=414). Acesso em 22 nov. 2016.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: RT, 2002.

MAGNOLI, Demétrio. **História da Paz**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MARQUES, Edgar. **Nacionalistas catalães, galegos e bascos ignoram a seleção espanhola**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/espanha/noticia/2010/07/nacionalistas-catalaes-galegos-e-bascos-ignoram-selecao-espanhola.html>. Acesso em 10 jul. 2017.

MATEUS, Rafael. **Futebol Científico de Valeriy Lobanovskyi: ciência, tecnologia e raciocínio lógico na concepção de uma filosofia de jogo**. Disponível em: <https://www.vavel.com/br/futebol-internacional/386693.html>. Acesso em 13 mar. 2017.

MELO, José Tarcízio de Almeida. **Direito constitucional do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Del Rey, 1996.

O GLOBO. **Grupo separatista basco ETA entrega suas armas e Espanha e França**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/grupo-separatista-basco-eta-entrega-suas-armas-espanha-franca-21181777>. Acesso em 22 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **João Saldanha sai após ‘peitar’ Médici e não convocar Dario para Copa de 70.** Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/joao-saldanha-sai-apos-peitar-medici-nao-convocar-dario-para-copa-de-70-11811737>. Acesso em 04 jul. 2017.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** 2010, p. 31. Disponível em: <https://comunicadadao.wordpress.com/2010/06/10/fichamento-%E2%80%93-mundializacao-e-cultura-ortiz-renato/>. Acesso em 03 jul. 2017.

PUIG, Andrés Fábregas. **Lo sagrado del rebaño, el fútbol como integrador de identidades.** 2010. Disponível em: <https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2015/08/lo-sagrado-del-rebac3b1o.pdf>. Acesso em 18 jun. 2017.

ROESLER, Carlos Eduardo Noronha. **Nacionalismo, Tradição e Modernidade.** 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/DELL/Downloads/DISSERTACAO\\_CARLOS\\_EDUARDO\\_NORONHA\\_ROESLER.pdf](file:///C:/Users/DELL/Downloads/DISSERTACAO_CARLOS_EDUARDO_NORONHA_ROESLER.pdf). Acesso em 03 nov. 2016.

RODRIGUES, Mário Filho. **O negro no futebol brasileiro.** 1. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1964.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934) São Paulo.** 2010. 489 f Tese(Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, Nubia. **A repressão e a resistência durante o regime militar.** Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/a-repressao-e-a-resistencia-durante-o-regime-militar/>. Acesso em 20 nov. 2016.

SOREANO PECEQUILO, Cristina. **Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões.** Petrópolis: Vozes, 2004.

STEIN, Leandro. **A criação das regras e a expansão do futebol pelo mundo.** Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/150-anos-de-futebol-a-criacao-e-a-expansao-das-regras/>. Acesso em 04 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Há 700 anos, rei da Inglaterra decretava que jogar futebol era crime.** Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/ha-700-anos-o-futebol-era-proibido-pelo-rei-sob-ameaca-de-prisao-quem-jogasse/>. Acesso em 02 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **O dia em que Athletic Bilbao e Real Sociedad desafiaram as autoridades em prol do orgulho basco.** Disponível em: <http://m.trivela.uol.com.br/o-dia-em-que-athletic->

bilbao-e-real-sociedad-desafiaram-as-autoridades-em-prol-do-orgulho-basco/. Acesso em 08 jun. 2017.

SHEFFIELDFC. **The oldest football club.** Disponível em: <http://www.sheffieldfc.com/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

THE FA. **The history of the FA.** Disponível em: <http://www.thefa.com/about-football-association/what-we-do/history>. Acesso em 04 fev. 2017.

VAGALUME. **A Taça do Mundo É Nossa.** Compositor: Wagner Maugeri, Lauro Muller, Maugeri Sobrinho, Victor Dagô. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ivo-meirelles-funkn-lata/a-taca-do-mundo-e-nossa.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pra Frente Brasil.** Compositor: Miguel Gustavo. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html>. Acesso em 16 mar. 2017.

VALENTE, Rafael. Futebol brasileiro completa na terça 120 anos da 1ª partida no país. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/04/1615729-futebol-brasileiro-completa-na-terca-120-anos-da-1-partida-no-pais.shtml>. Acesso em 19 fev. 2017.

VAZA, Marco. **Ainda há clubes no mundo que só aceitam jogadores do “seu” país.** Disponível em: <https://www.publico.pt/2012/12/26/desporto/noticia/ainda-ha-clubes-no-mundo-que-so-aceitam-jogadores-do-seu-pais-1578632>. Acesso em 06 jun. 2017.

